

# 10 Nomes HISTÓRIAS

10 nomes · 10 histórias

LUSOPRESS

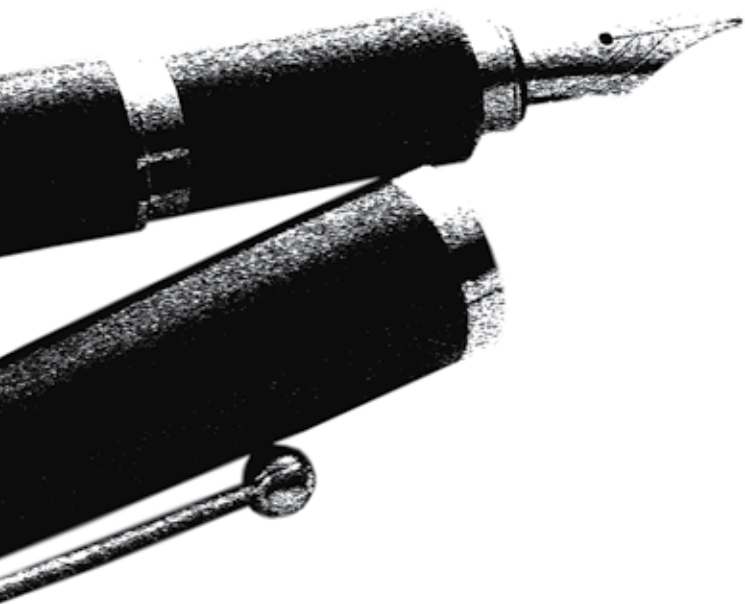
5ª Edição

com o Alto Patrocínio



Caixa Geral de Depósitos  
FRANCE





# 10 Nomes HISTÓRIAS

10 nomes · 10 histórias

LUSOPRESS

5ª Edição

com o Alto Patrocínio



Caixa Geral de Depósitos  
FRANCE



*Carlos Oliveira*  
*Cônsul Geral de Portugal em Paris*



## Dez nomes dez histórias

Quiseram as circunstâncias neste meu início de funções enquanto Cônsul-geral em Paris, marcado pela pandemia do Covid 19, que o primeiro contacto com a Comunidade Portuguesa, se fizesse pelo folhear da última publicação do livro “Dez nomes, dez histórias”.

Prejudicada a interação direta, pelas medidas de confinamento então em vigor, foi desse modo que, numa abordagem inicial, pude confirmar o dinamismo da presença portuguesa nesta região e conhecer melhor alguns dos elementos que mais a prestigiam, pelo exemplo de vida que protagonizam, sucesso da sua integração e reconhecimento lhes é devido pelo seu contributo para a imagem positiva de Portugal neste país.

É, pois, sem surpresa e com redobrado entusiasmo que quero felicitar a Lusopress pelo lançamento de mais uma edição de tão interessante iniciativa, que nos aproxima e nos valoriza enquanto portugueses. Contar a história dos portugueses que foram escolhidos para ali figurarem é não deixar cair no esquecimento uma vertente de Portugal, dos nossos méritos

e capacidades, tantas vezes ignorados, ou apenas menos conhecidos.

De parabéns estão também os protagonistas destas histórias, a exemplo daqueles que foram deste modo homenageados no passado, em anteriores edições. Cada um tem o meu apreço pelo que foi chamado a realizar, pelo que soube cumprir, pelo que contribuiu para o estreitar do relacionamento entre Portugal e a França.

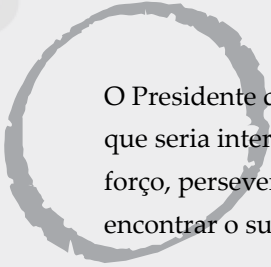
Estes retratos de vida constituem, afinal, o espelho de uma presença portuguesa no que ela tem de melhor, consolidação de valores que sempre nos são associados: a seriedade, o sucesso pelo trabalho e, tantas vezes, a modéstia e a simpatia, características frequentemente evidenciadas que contribuem para um Portugal acolhedor a vários títulos.

Estas histórias que, felizmente, se repetem e reproduzem nos quatro cantos do Mundo, são motivo de orgulho para todos nós. Esta iniciativa da Lusopress, que lhes dá corpo e voz, é um contributo precioso para que seja preservado um património inestimável, inspirador e mobilizador para gerações futuras.



*Lídia Sales*

LAS



O Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, no ano de 2015, sugeriu que seria interessante relatarmos a vida dos portugueses, que devido ao esforço, perseverança e muito trabalho, conseguiram superar as dificuldades, encontrar o sucesso e dignificar a comunidade portuguesa.

A 5ª edição do livro 10 Nomes 10 Histórias, apresenta-se diferente das quatro edições anteriores, não relata só a vida de quem deixou Portugal, destacamos vidas de quem nunca saiu do país e de quem partiu para África.

Esta edição será distribuída aos balcões da Caixa Geral de Depósitos, sendo a sua apresentação pública oportunamente divulgada, logo que se reúnam condições para a mesma ter lugar.



**D**epois de uma primeira edição de novidade para mim, impunha-se novamente o desafio de abraçar a escrita e as histórias do livro 10 Nomes 10 Histórias. E quando a realidade parecia caminhar normalmente, o mundo viu-se abraçado a um novo paradigma. Uma realidade que veio mudar as nossas vidas e traçar diferentes rumos. Deixou de importar quem está ao lado. Temos de dar as mãos, sem as agarrar. Temos de nos unir, estando cada um sozinho. Cada vez mais é um 'Todos por Todos'. A Lusopress é conhecida por Unir os Portugueses, e é isso que queremos continuar a fazer. E a edição de 2020 do livro 10 Nomes 10 Histórias é a prova disso mesmo. Unimos histórias que passaram pela França, Portugal e até por Angola. São mais dez exemplos de vida que jamais irei esquecer. O artista Albino Miranda, a embaixadora do pastel de nata Antónia Gonçalves, o funcionário dedicado António de Jesus, o empresário incansável Artur Brás, a portuguesa de valor Assunção Nascimento, a estilista Clementina Jorge, o jovem e enérgico Dominic Fernandes, o apaixonado pelos móveis Joaquim Machado, o benévolo José Afonso e a mulher determinada Maria da Conceição Silva.

A quinta edição do livro 10 Nomes 10 Histórias fica marcada pela diversidade. Diversidade de vida, de testemunhos, de experiências. Mas é a diversidade que nos enriquece e, com isso, a Lusopress torna-se cada vez mais um ponto agregador da alma portuguesa. Em cada pessoa, em cada história, mantém-se a luta pela vida, a coragem de vencer batalhas e a paixão por Portugal. É isso que nos move diariamente. Por Portugal e pelos portugueses.

# 10 Nomes Histórias

Albino Miranda	pág. 10
Antónia Gonçalves	pág. 26
António de Jesus	pág. 44
Artur Brás	pág. 62
Assunção Nascimento	pág. 80
Clementina Jorge	pág. 96
Domíníc Fernandes	pág. 112
Joaquim Machado	pág. 130
José Afonso	pág. 148
María Da Conceição Silva	pág. 166

# Albino Miranda

“O que me dá gozo é fazer aquilo que não existe, gosto que a minha mente comande as minhas mãos. Criar faz-me sentir feliz.”





F

Falar de Barcelos sem se mencionar o tradicional Galo de Barcelos é difícil. A sua ligação tornou-se natural. Território de uma identidade cultural e etnológica forte, decorrente da grande variedade de artes e ofícios, a olaria aqui ganha especial importância. Efectivamente, o trabalho no barro ganhou tal relevância ao longo dos séculos que se tornou indissociável da história, passada e presente, desta região e das suas gentes. Mas a riqueza do concelho não se fica pelas artes da olaria e figurado e alarga-se aos bordados de crivo da Carreira, aos bordados, à tecelagem, aos trabalhos em madeiras e aos trabalhos em ferro. Todas estas produções marcam a identidade de um concelho com um contexto sócio-económico muito ligado à arte popular, fruto de um saber enraizado na sociedade local e na relação desta com o meio. Não é necessário trabalhar só o barro para se ficar na história de Barcelos. A prova viva é Albino Miranda, que também pelo barro e madeira começou, mas viu na diferença e na criação própria o seu caminho. Artista de letra grande, Albino leva as suas peças ao mundo inteiro. É difícil falar de Barcelos sem se mencionar o tradicional Galo de Barcelos, mas é possível.





*Escola primária*



## **A arte e o engenho de criar**

Nascido em Setembro de 1967 no meio de uma família humilde, Albino Manuel da Costa Miranda sempre se destacou pela sua criatividade e aptidão para a arte. É natural de Galegos Santa Maria, freguesia ainda hoje muito virada para o artesanato, e onde Albino conheceu muitos artesãos durante a sua infância. É o mais velho de cinco irmãos e desde sempre admirou o trabalho do pai, que de certa forma o influenciou para o resto da vida. A arte de trabalhar a madeira fascinava-o. A recordação mais saudosa que tem é de se pendurar no ban-

co de carpinteiro e não chegar à bancada de trabalho. Não chegava porque era pequeno demais para ali estar, mas a sua paixão pelo ofício e admiração pelo trabalho do pai falavam mais alto. A vontade de fazer coisas e o gosto pela arte estão em Albino desde sempre. “Ao vê-lo mexer nas ferramentas suscitava-me uma enorme vontade de o conseguir fazer também”. E assim foi. Às escondidas, ia mexendo nas ferramentas, aperfeiçoando a técnica, ganhando confiança até começar a produzir sozinho.





## Menino muito responsável

Era assim que era visto pelas pessoas da aldeia, familiares e professores: como um menino educado, querido, organizado e, acima de tudo, muito responsável. O “Bininho” como ainda muitos o conhecem chegou a ser a única criança do lugar, andando de colo em colo por toda a vizinhança. Ganhou desde logo o carinho e admiração por parte das suas gentes. Também na escola deixou uma marca positiva. Frequentou a escola em Lijó, freguesia vizinha, até ao 6º ano, mas brincadeiras são poucas as que tem na memória. O que lhe ocupava o tempo era viver em função de um sonho, que era a arte de fazer coisas. As brincadeiras, naturalmente, giravam à volta disso. “Fazia carrinhos para brincar e casinhas na lama”. Naturalmente que na disciplina de Educação Visual e Trabalhos Manuais se sentia como um peixe na água, sendo o melhor da turma de forma destacada. Era por isso, duplamente admirado pela sua professora: pela sua veia artística, e pela sua personalidade responsável e respeitosa para com todas as pessoas. “Desde criança que gosto de respeitar os outros, sou incapaz de fazer troça de uma pessoa que é inferior a mim. Costumo dizer que o meu olhar transmite a minha alma, por isso sou incapaz de sorrir ou transmitir amor se eu não o sentir”.

*Início do trabalho na indústria da cerâmica como modelador*



*Os amigos de sempre, Álvaro e David*



*Aniversário da mãe*

## **O começo como carpinteiro**

Com 13 anos, e terminado o 6º ano de escolaridade, Albino decide não continuar a estudar. Ainda foi incentivado pela professora a seguir Belas Artes, mas a vontade de começar a trabalhar, mexer com o barro e na madeira de forma imediata falou mais alto. “Hoje, sei, que estudar ter-me-ia dado algum conhecimento. Lamento não saber falar outras línguas, mas sei que me expressei muito bem com os meus sentimentos”. E assim começa a sua vida profissional, na carpintaria do seu pai, onde esteve até aos 18 anos. Apesar

de se sentir realizado ao lado do pai, Albino passava muito tempo a fazer portas e janelas. Não era isso que queria para a sua vida. “A minha vontade era passar o tempo todo a criar”. Era à noite e em horas vagas que tinha liberdade para criar, fazendo esculturas em madeira, crucifixos, pinturas e até prendas para namoradas. Trabalhava mais que o normal, o que lhe permitiu desde cedo não ter dificuldades financeiras. Também a sua responsabilidade tem um peso significativo nesta questão: “não sou pessoa de me meter em aventuras financeiras. Faço aquilo que sinto que posso fazer”.

## A ascensão como artista

Sendo de uma região onde predomina a cerâmica, nesta indústria houve quem visse as suas potencialidades como artista. Foi desafiado a criar alguns produtos, e a deixar assim a carpintaria para trás. Esteve um ano numa empresa onde desenvolveu uma linha de produtos que tiveram muito sucesso. Passou a ser ainda mais admirado e, acima de tudo, despertou interesse pelas empresas da região. As ofertas chegavam e tornou-se inevitável não aceitar uma proposta onde passaria a ganhar três vezes mais. As suas peças faziam sucesso e essa fase só foi interrompida pelo cumprimento do serviço militar obrigatório. Quando regressa, em 1988, decidiu montar um atelier próprio e trabalhar para várias fábricas. “Na verdade, ninguém sabia para quem eu trabalhava, porque eles tinham ciúmes uns dos outros”. Foi uma fase de sucesso, em que Albino criou milhares de peças de cerâmica. “Eu penso muito rápido e deixo que as minhas mãos mostrem o meu pensamento. Com duas ‘sapatadas’ no barro, fazia uma peça interessante”. Ainda hoje são várias as peças que vê por esse país fora e reconhece como sendo das suas criações. Novo projeto, entretanto, surgiu. Foi desafiado a montar a sua própria empresa de cerâmica em sociedade. Este projeto representou quatro anos da sua vida de impasse. “Deixei de ganhar dinheiro e as pessoas copiavam tudo. Senti aí que a cerâmica não era o meu futuro. Tinha de voltar a ter o meu atelier e as minhas criações”.

## Albino Miranda em nome próprio

Fazer peças de decoração com identidade que ninguém fizesse era o objetivo de Albino. “Sabia que me podiam copiar a forma, mas tinha de ter algo que fosse difícil de copiar”. Foi com este pressuposto que o artista iniciou uma fase de pesquisa e de experiências, misturando matérias e produtos até chegar a um composto de pedra que o patenteou. Através de resinas acrílicas, gessos, betão e outros produtos, começou a fazer esculturas que pareciam feitas de pedra. Durante 15 anos, sob a marca Gestos, foi assim que Albino trabalhou. O fim chegou, uma vez mais, pelas cópias que surgiam no mercado. “Quando sinto que o que faço já deixou de ter o mesmo interesse, já não o faço com a mesma vontade”. Surgiu uma desmotivação natural, superada por nova procura de algo que o diferenciase no mercado. Criar é o que sempre fez Albino feliz, por isso o seu caminho tinha de continuar por aí. Desde pequeno que sabia que tinha de ser artista, tinha de trabalhar a arte e criar. “O que me dá gozo é fazer aquilo que não existe, gosto que a minha mente comande as minhas mãos.

Criou a sua própria empresa em 1989, durante 15 anos dedicou-se às esculturas e decoração de interiores e, desta forma, o artista rapidamente se tornou em empresário.

Então pensei qual seria a matéria-prima em que eu podia explorar com mais liberdade”. Albino partiu à procura de uma nova matéria que lhe permitisse fazer





*O meu pai: o homem que me inspirou*

esculturas de grandes dimensões e leves de peso, que ajudariam no processo de exportação. Foi assim que em 2004 avançou para novas experiências e surgiram as resinas e a fibra de vidro.

“Ao explorar, há duas coisas que acontecem: uma é perder tempo em experiências, e outra é aprender com esse tempo perdido”. Com tentativas, Albino descobriu formas de trabalhar a resina que talvez nenhuma escola o ensinasse. Começou por mobiliário de exterior, seguindo mais tarde para o interior e decoração.

Mas ser empresário não é o que o faz mais feliz. “Sou empresário porque fui obrigado a ser. Tive de criar uma equipa para me apoiar. Hoje sou designer, empresário e criador, porque sou eu que faço a primeira peça de tudo o que é criado para as nossas marcas Karpa e Gansk. Todas as coisas que vêm na Albino Miranda saem das minhas mãos até passarem para a produção, eu sou o criador, e é isso que me faz feliz”. Hoje, a empresa trabalha com 33 países em projetos de decoração, essencialmente com designers de interiores e arquitetos. Tem também parcerias de showroom em locais como a China, Bahrain, Líbano, Islândia, Austrália, Dubai e EUA.



*Albino e Clara*

## **A importância do apoio familiar**

Para além de ser artista, Albino desde novo partilhava outro sonho para a sua vida. Constituir família cedo, com alguém que não fosse apenas uma pessoa bonita, mas que o completasse enquanto pessoa. Sorri ao confessar que teve muitas namoradas e que demorou a encontrar a pessoa certa. Esse momento chegou ao conhecer Clara. Aconteceu numa romaria de aldeia típica de segunda-feira de Páscoa. Em lados opostos da rua, trocaram olhares e sorrisos. Foi o primeiro impacto de uma relação que







*Com os filhos  
Vasco e Luis*



dura até hoje. Casaram em 1989, tinha Albino 21 anos. “Sempre quis casar e ter filhos cedo, criar estabilidade, para mais tarde poder ter tempo para voltar a namorar”. Do casamento surgiram dois filhos, ambos a trabalharem com Albino na empresa familiar. Hoje, assume que 90% dos seus sonhos estão realizados. “Sou felizardo porque consegui viver bem e a fazer toda a vida aquilo que gosto. O meu objetivo, agora, é viver a vida, ser feliz, ter bons amigos e voltar a namorar. Nunca foi meu objetivo ganhar muito dinheiro nem ser famoso, mas sim fazer o que gosto e viver a fazer aquilo que gosto, de preferência com algum conforto”.



*Com pais  
e os irmãos*



## Um homem de sentimentos

O pai deu-lhe asas para voar, e Albino voou bem alto. Sabe que é com muita admiração e orgulho que o seu progenitor vê o seu percurso e a ele agradece o dom da arte. O seu sucesso é, sem dúvida, indiscutível. “Não sou famoso, mas trabalho para gente famosa, tenho trabalhos que me orgulho muito de ter feito e tenho imensa coisa feita. Sempre tive a minha vida com projetos”. O segredo é ter emoção em tudo o que faz. Para além das suas marcas e peças únicas de assinatura, Albino trabalha para outros designers, não é o dono das obras, mas sente uma paixão enorme ao fazê-las. “A arte é uma expressão do pensamento”. Como na arte, também na vida Albino aquilo que tem como objetivo é nunca deixar de acreditar e lutar pelos seus sonhos. Só assim conseguiu afirmar o nome Albino Miranda como uma marca de prestígio e qualidade, como uma marca que ficará na história de Barcelos e de Portugal para a eternidade.

## Um projeto de diferentes sentimentos

Quem chega a Barcelos hoje vê automaticamente uma obra de Albino Miranda. Trata-se de um galo colocado numa rotunda de entrada e saída da cidade. Um projeto que despertou reações contrárias, mas que se explica pela sua história. O Município de Barcelos desafiou Albino a criar um projeto que divulgasse o artesanato local. Com 22 réplicas, de grandes dimensões, espalhadas em diversos pontos da cidade, Albino criou a Rota do Figurado, que permite aos turistas através de um mapa explorar e visitar todas estas obras. “Cada uma é a réplica de um artesão, não são obras minhas, apenas as executei em tamanho gigante”. Trabalho que me deu imenso gozo fazer, em que as minhas mãos interpretaram as mãos de cada artesão”. No final, Albino foi convidado a ter uma obra sua na ‘sua’ cidade. Olhou para a rotunda da Bolacha, assim designada anteriormente, e viu um local mal aproveitado para ser o ponto de entra-

*Galo - Escultura que está na cidade  
de Barcelos colocada em 2017*



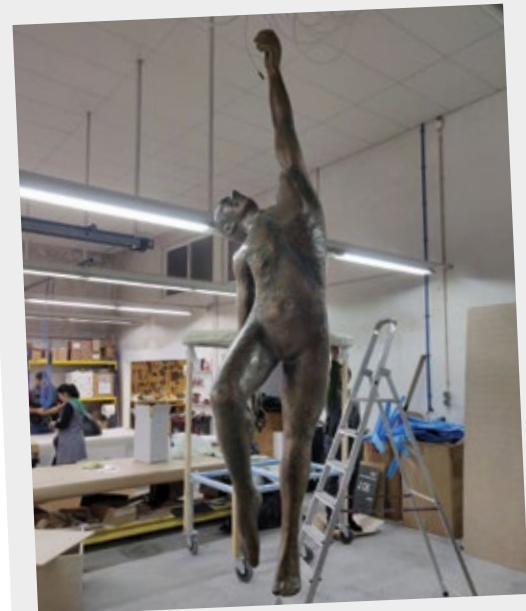
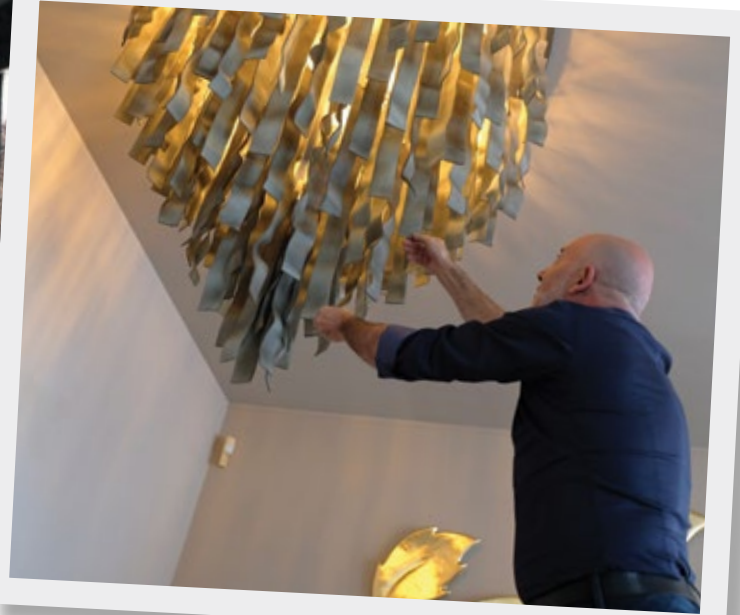
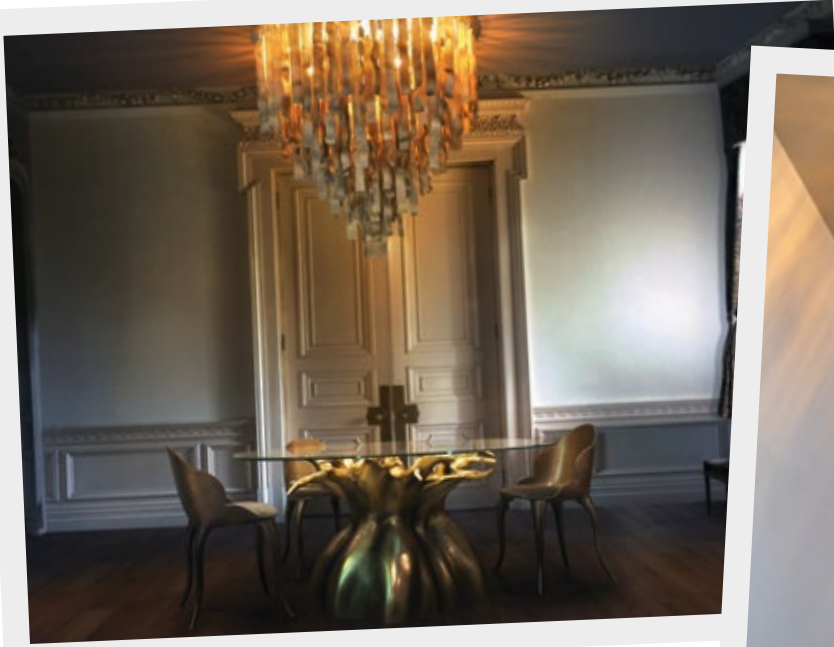


da em Barcelos. O objetivo era dar-lhe uma nova vida e que explicasse o motivo pelo qual Barcelos e o Galo estão intimamente ligados. A resposta está na lenda do galo, que ao longo dos anos as pessoas transformaram no galo tradicional que hoje é reconhecido em todo o mundo. “O galo existe porque as pessoas se inspiraram na lenda e fizeram do galo um ícone nacional”. Albino não recriou o galo tradicional, mas sim toda a lenda. “Na rotunda tem um anel que marca um momento da história [a lenda] e nele está representada a lenda com um caminho, o peregrino, a condenação, a forca e, depois, o galo como seu simbolismo”. A obra tem 30 metros de diâmetro e 20 de altura e até a posição do galo tem uma simbologia. “Esta virado para Finisterra, o fim dos Caminhos de Santiago, e a cada entrada ou saída da rotunda o galo é visto de perfil, tornando-o mais bonito”. Uma obra marcante, que para Albino irá criar valor mais tarde. Surgiram comentários e opiniões que achavam que devia estar retratado o galo tradicional. “Eu não sou artesão, e esta foi uma oportunidade de mostrar que Barcelos não é só feita dos pequenos galinhos de Barcelos. Existem artistas cheios de potencialidades em Barcelos e eu quis abrir essas portas”.

## A exposição da sua vida

Com obra feita e espalhada pelo mundo inteiro, são já poucas coisas que faltam no percurso de Albino Miranda. Existe um projeto em particular, que está neste momento a ser planeado, que irá completar o seu portefólio enquanto artista e cidadão. Não é mais que uma







exposição que será a reflexão da sua vida através do trabalho. Estarão expostas quatro obras da sua autoria de grandes dimensões, cada uma delas acompanhada por uma mensagem sua à sociedade. “Serão feitas mais sete, que a natureza criou, mas replicadas por mim. Estas sete serão partilhadas com outros artistas”. O objetivo não é ser uma exposição do Albino Miranda, mas sim um evento de arte com uma mensagem para a humanidade. “Nesta altura da minha vida esta exposição só fazia sentido de uma forma: sendo solidária e para ajudar. Espero que estas obras possam viajar pelo mundo, e dessa forma criar valor para ajudar instituições ou causas”. Um projeto de reflexão que reflete exatamente aquilo que Albino é enquanto pessoa: alguém de coração aberto, que transmite sentimentos puros e verdadeiros. Para os outros e não para si, será uma exposição que promete fazer sucesso. Um sucesso mais que merecido pela arte e percurso de Albino.





# Antónia Gonçalves

“O primeiro passo é acreditarmos em nós próprios,  
nas nossas capacidades, acreditar que é possível.  
Todos temos valores e capacidades por descobrir,  
por isso devemos ir em frente”





*Antónia com a mãe e os irmãos numa fotografia enviada ao pai, para França*



São mais de 1500 quilómetros que separam o início desta história. De Creixomil, em Guimarães, a Pierrefitte-sur-Seine, nos arredores de Paris. Entre a menina e a dona Antónia, como hoje é conhecida e tratada, houve um percurso de trabalho, dedicação e sofrimento. Nunca faltou respeito, humildade e rigor no trabalho, e só assim conseguiu dignificar a gastronomia portuguesa em Paris. De Guimarães herdou o espírito conquistador, e ao longo da sua vida, desbravou batalhas e conquistou o sucesso. É conhecida como a embaixadora do famoso pastel de nata, em Paris. A chave do sucesso? O amor. O amor e a vontade de perpetuar os costumes queridos da pátria na diáspora portuguesa. A Canelas é o projeto da sua vida, e a sua audácia e empenho fizeram desta marca uma assinatura de referência. Antónia Gonçalves foi condecorada com a Medalha de Mérito de Portugal.

## **As dificuldades da infância**

É a mais velha de seis irmãos, e este facto marcou, inevitavelmente, a sua infância. Antónia de Jesus Freitas de Araújo Gonçalves nasceu a 19 de fevereiro de 1949 na freguesia de Creixomil, em Guimarães. Num esforço de memória, conta que até aos sete anos de idade, são poucas as memórias que regista na lembrança. “E o que me lembro não são coisas bonitas”, conta, aludindo à fome e miséria que se fazia. O pai trabalhava numa cutelaria e

a mãe numa fábrica de tecidos, mas os recursos eram insuficientes. À mesa, a variedade era pouca. “Eu quando chegava da escola ligava a máquina de petróleo, punha a panela em cima, e o meu pai quando chegava colocava as couves dentro, para comermos a sopa”, lembra. Cozido à portuguesa existia duas vezes por ano, no Natal e na Páscoa, sendo o resto do ano marcado pelos alimentos reduzidos. Tudo isso marcou a sua infância, para além de ter de crescer rapidamente, tornar-se madura e responsável, pois impunha-se tomar conta dos irmãos. Também na época mais querida e desejada pelas crianças, o Natal, a escassez de meios imperava na família Freitas de Araújo. “Eu recebia um coco, e olhava para as minhas colegas que recebiam bonecas. Eu era criança, mas hoje compreendo perfeitamente e até me sinto feliz porque para apreciar a vida hoje foi preciso ter essas dificuldades”.

Pelas responsabilidades que tinha de assumir no seio da família, Antónia não pôde estudar para além da quarta classe. Com dez anos, saiu da escola para tomar conta dos irmãos. Uma pequena criança, via-se assim no papel de “mãe”. Em 1965, tinha Antónia 16 anos, o pai emigrou para França, através de uma carta de chamada, à procura de melhores condições financeiras. Em Portugal ficou o resto da família e Antónia começava a trabalhar numa fábrica de meias, ocupando ainda mais o seu tempo. Era aos fins-de-semana que aproveitava para se divertir e interagir com os amigos, na Juven-



tude Operária Católica, que passou a integrar. Antónia não imaginava, por essa altura, a volta que a sua vida ia dar. O pai tomou a decisão de não mais voltar a Portugal, porque França estava a proporcionar uma melhor vida. “A minha mãe tomou a decisão de ir também para França. Como tinha seis filhos e não os podia levar a todos, decidiu apenas pegar nas filhas mais velhas, eu e a minha irmã Carmo, e deixou quatro filhos em Portugal, até arranjar condições para os trazer”.

## Emigrou, sem saber

Foi a 30 de novembro de 1970 que Antónia chegou a França, mas a viagem ficou marcada por peripécias. Emigrou, sem saber. A mãe não havia avisado, para evitar problemas na viagem, feito a “salto” . “Quando cheguei nem sequer tinha o meu pai à espera, porque havia greve dos correios, e ele não tinha recebido a carta da minha mãe a avisar que vínhamos para França. Aflita com a situação, desatei a chorar, mas uma senhora de Braga reparou em nós e ofereceu-nos boleia para Paris 10, onde depois encontramos o meu pai. Lembro-me que estava a lavar a roupa de trabalho, para na segunda-feira ir trabalhar”.

A chegada a França não foi um conto de fadas e o objetivo de Antónia era regressar a Portugal ao fim de poucos anos. Para trás, ficaram quatro irmãos e um namorado, que acabou por falecer na guerra a 1 de janeiro de 1971, em Moçambique. Em França, Antónia estava num quarto com a irmã, mas sem os amigos, o namorado e aquilo que dava mais prazer em Portugal: o associativismo. Cedo teve de arregaçar as mangas. “Eu e a minha irmã arranjamos trabalho, para pagar a renda e mandar algum dinheiro para os meus irmãos em Portugal”.

## O valor do trabalho

Antónia começou por trabalhar numa fábrica de borracha. Trabalho duro, mas tinha de se sujeitar. “Lembro-me dos cheiros incomodativos, e na altura eram quase só homens que lá trabalhavam”. Entretanto, o pai consegue arranjar casa, e passam a morar juntos. O valor do trabalho esteve sempre presente na vida de Antónia. “O trabalho ensinou-me bastante na vida”. Perante as necessidades dos pais, trabalhava nove horas na fábrica e depois ainda fazia três horas na limpeza, durante cinco anos. “Saía às 6h30, chegava a casa às 22h45, jantava e ia para a cama, para me levantar, todos os dias, às 5h30, para estar às 7h30 na fábrica. Fiz isto, até casar”.

## O aconchego do associativismo

Longe da sua terra, dos amigos e do que a fazia feliz, Antónia procurou outras formas de se integrar numa nova vida, em França. Com o associativismo na alma, procurou integrar a Juventude Operária Católica Francesa. Foi assim que foram crescendo os grupos de portugueses em terras gaulesas. “E eu era um bocado a pessoa que coordenava. Sempre fui muito ligada à vida





*Família Araújo no primeiro ano que foi a Portugal.  
Antónia tirou a fotografia*

*Antónia cantava em grupos de teatro*





*Antes do 25 de Abril:  
envolvimento no associativismo*

associativa e ao teatro. O que queríamos era encontrar um ponto de acolhimento, aqui, em França”. Em Portugal dava-se o 25 de Abril e, no verão de 1974, Antónia encontrou um Portugal diferente. “Aquilo estava tudo diferente, ouviam-se as canções do Zeca Afonso, e reparei que ainda havia muita coisa por descobrir. Quando regresssei a França, juntamente com o amigo Custódio Oliveira, resolvemos fazer um magusto, e perguntar

aos jovens o que era para eles o 25 de Abril”. Foi nesse convívio que Antónia conheceu Carlos Gonçalves, um bonito jovem que, um ano depois, viria a tornar-se seu marido. “Simpatizamos um com o outro, e fomos os dois bem aceites nas respetivas famílias. Casei com 26 anos. Também o Carlos tinha perdido uma namorada num acidente, e talvez este destino trágico de ambos nos tenha unido”. Casaram a 8 de Novembro de 1975.

## Luta e sacrifício

Já casada com Carlos, Antónia trabalhava numa fábrica e começava a construir a sua vida. O seu carácter e determinação sempre se revelaram aspetos positivos no trabalho. Foi promovida a responsável de equipa, para admiração da própria. “Fiquei impressionada, porque eu nem sabia falar muito bem em francês. Acho que não tinha noção das minhas capacidades”. Na altura, causou algum incómodo a alguns trabalhadores por verem uma jovem assumir responsabilidades. Nunca desiluiu a chefia, e cumpriu a 100% até ao encerramento da fábrica, que se transferiu para Corbeil Essonnes, altura em que Antónia fica no desemprego. Aí, aproveitou para integrar a Alliance Française e, na época natalícia, esteve durante seis semanas a trabalhar na pastelaria Canelas, longe de imaginar o que a vida lhe tinha reservado. Os anos continuaram a passar, e Antónia nunca virou a cara ao trabalho, passando pela área das vendas, em lojas de sapatos e, posteriormente, de acessórios de luxo.



*Vale de Espinho. Antónia com o sogro*



*Antónia com o marido,  
a mãe e os filhos*

## Uma aventura chamada Canelas

Anos depois de uma experiência de seis semanas de trabalho na Canelas, surgiu um convite inesperado. “A Madame Canelas veio ter comigo e disse-me que a empresa estava com dificuldades, e que eu deveria tomar conta do negócio. Mas a minha primeira reação foi: “eu não percebo nada do negócio”. Apoiada pelo marido Carlos, acabou por abraçar este novo desafio na sua vida. Ficou com a empresa a 1 de dezembro de 1996. Antónia assumiu a parte produtiva e o marido encarregou-se da parte administrativa. A preocupação de

Antónia era a qualidade, pontualidade e seriedade da empresa. Com estes três pilares, sentia-se confiante em dar a volta à situação negativa que a empresa atravessava. “Comecei por acompanhar a equipa da noite para perceber como se fazia o trabalho e, durante o dia, para perceber o funcionamento da empresa. Foi uma aprendizagem total. Não conhecia nada de pastelaria. Muita coisa mudou, foi uma revolução constante. Éramos uns 12 ou 13 a trabalhar, e na altura não sabia bem o que me esperava. Só sei que fazia o que fosse preciso, fosse limpeza, lavar muros, preparar encomendas, tudo o que era necessário”. Pouco a pouco foram crescendo e





*A Canelas recebeu o prémio AHRESP, na categoria "Portugueses Lá Fora", reconhecendo os mais de 30 anos da empresa na promoção da pastelaria portuguesa na região de Paris.*



modificando a qualidade e a estrutura da pastelaria, até que não podiam avançar mais, dado o espaço, e os pedidos dos clientes. Foi aí que Antónia procurou encontrar um novo local para fazer a Canelas crescer. “Queríamos construir algo que fosse digno para a comunidade portuguesa”. Na altura, com 59 anos, o casal via-se perante um dilema: arriscar e fazer evoluir a Canelas, ou abraçar a reforma? Juntos, tiveram a coragem de se lançarem e arriscarem neste novo desafio. Aos 61 anos abriram as portas do novo espaço Canelas, com uma nova fábrica, uma nova estrutura e com instalações adequadas às normas em vigor. Antónia reforça o papel do marido

nesta aventura em conjunto. É no centro de Pierrefitte-sur-Seine que hoje podemos encontrar a Canelas – Le Portugal à Paris, o conceito implementado por Antónia Gonçalves. “É um cantinho de Portugal, nos arredores de Paris”. Hoje, mais que uma pastelaria e produção de pão, a Canelas serve refeições, faz serviço de catering e produz eventos na sala D. Antónia, um espaço com capacidade para 150 pessoas. É hoje uma empresa e uma marca sólida no mercado. “Foi preciso ter muita força de vontade, trabalhar de forma muito séria e ter muito respeito pelos clientes. E ter uma equipa sólida para dar resposta às necessidades.





*Entrada de Antónia para a Academia do Bacalhau de Paris*

## Uma mulher vencedora

Foi com força de vontade que Antónia abraçou todos os desafios. A Canelas é o grande projeto da sua vida, mas sempre encarou todos as batalhas de igual forma. “Em cada momento, procuro sempre dar o meu melhor”. Como conseguiu chegar a um patamar de credibilidade? Com sinceridade. “Para mim não há nada mais importante que isso”. E pode-se acrescentar alguns ingredientes extra a esta receita de sucesso: luta, coragem, superação e orgulho. Orgulho na gastronomia e nos valores portugueses que todos os dias faz questão de transmitir. Nunca baixou os braços, vestiu a camisola, soube ser a líder da equipa, mas também saboreia a vitória. “A Canelas, para mim, é uma realização. Foi bastante duro, mas nunca perdi a esperança de melhorar as condições e consegui”, sublinha. Sempre assim foi. “Nada foi planeado. Eu sabia o que queria, mas não sabia onde ia chegar. Eu sinto-me uma mulher realizada, e acima de tudo, feliz”. É feliz com o seu marido Carlos, com os filhos Sandra e Gil, e os seus netos, e reconhece que nada conseguiria sem o apoio deles, assim como da equipa Canelas. “Já tive muitos momentos de choro e de alegria, como toda a gente, ao longo da minha vida. Mas quando olho para trás, digo: ‘non, Je ne regrette rien’, uma frase da Édith Piaf.







## Sonhar e acreditar

Chegou a França com 20 anos, com vontade de ir embora pouco tempo depois. Passou por vários momentos difíceis, e orgulha-se de chegar onde chegou. Aos 71 anos, Antónia continua a estar atenta ao trabalho da Canelas. Hoje, não se cansa de realçar a importância da família e dos amigos na sua vida. “Evoluí com a exigência dos clientes e dos amigos”. Para além de gostar estar rodeada de amigos para passar bons momentos, Antónia sabe que foi com eles que cresceu profissionalmente. Antónia sente que fez tudo o que desejava, que fez muita coisa ao longo da vida, apesar de ainda muito haver a fazer. A gastronomia foi e será sempre um desafio constante na sua vida. “Todos falhamos, mas o balanço é positivo”. Chegando a esta etapa da sua vida, sente que tem de pensar mais em si e no marido, não esquecendo sempre o objetivo de ajudar a equipa Canelas a continuar a defender os mesmos valores. “Nunca imaginei na minha vida conseguir e divulgar desta forma e ter este papel importante da gastronomia portuguesa em França. Isto aconteceu porque soube rodear-me de pessoas que me ajudaram a construir este sonho”.

Com o sonho realizado, Antónia Gonçalves partilha algumas ideias que podem servir de inspiração para todos aqueles que sonham na vida: “Quando se tem uma ideia, devemos sempre ir em frente. Primeiro sonha-se, mas depois há que fazer para realizar o objetivo. O primeiro passo é acreditarmos em nós próprios, nas nossas capacidades, acreditar que é possível. Todos temos valores e capacidades por descobrir, por isso devemos ir em frente. As coisas não caem do céu, por isso há que trabalhar para as alcançar”.

Nos tempos livres, gosta de os ocupar a viajar, a conviver com a família e amigos. “Adoro música gospel, música clássica. Gosto de flores e de conviver e confraternizar com as pessoas. A qualquer lado que vá, há sempre um amigo, ou uma pessoa que descubro, e que é fantástico”. O associativismo que tanto marcou a sua juventude, continua a estar presente na sua vida. Foi uma das primeiras mulheres a integrar a Academia do Bacalhau de Paris, em 2010, sendo hoje uma Comadre ativa na associação.



*Antónia e Carlos Gonçalves receberam as insígnias da Ordem de Mérito*





## Reconhecimento merecido

Foi na Embaixada de Portugal em Paris, pelas mãos do Embaixador José Filipe Moraes Cabral, que Antónia e o marido Carlos receberam as insígnias da Ordem de Mérito, atribuídas pelo Presidente da República. O ponto alto de uma vida, mas que partilha o mérito com a equipa. “Não fiz nada sozinha, a muito agradeço à família e a toda a equipa Canelas”.

O mais recente passo no caminho foi a integração na Rede de Restaurantes Portugueses no Mundo. A Associação de Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal, vulgarmente conhecida por AHRESP, criou a rede Taste Portugal. Além da integração, a Canelas recebeu o prémio AHRESP, na categoria “Portugueses Lá Fora, reconhecendo os mais de 30 anos da empresa na promoção da pastelaria portuguesa na região de Paris. Um prémio que vem demonstrar o orgulho na divulgação da gastronomia e dos valores portugueses da Canelas em França. Em 2012 já havia sido distinguida com o prémio Portugueses de Valor, entregue anualmente pela Lusopress. São as linhas de uma história de sucesso, a história da Comendadora Antónia Gonçalves.



# António de Jesus

“Estar bem na vida não é o mais importante, os bens afetivos não se compram”







P

Pombal é terra de história, de lendas e de gente ilustre. Do grande Marquês de Pombal, do historiador e escritor João de Barros, do político Mota Pinto, da poetisa Martel Patrício, do médico e escritor Amadeu da Cunha, entre tantos outros. Mas Pombal é, acima de tudo, terra de emigrantes. Não se pode escrever com a certeza absoluta, mas existem poucas famílias que não tenham emigrantes ou que conheçam histórias de emigração. Intensificou-se a partir da década de 60, essencialmente para França. É esta viagem que vamos agora fazer. O ponto de partida é Charneca, uma aldeia situada na freguesia de Pombal. Entramos agora na casa da família Jesus para conhecer a história de António. António Manuel de Jesus que, como tantos outros, viu o seu percurso de vida escrever-se em terras gaulesas. É em França que se dedica a uma das artes portuguesas mais belas: a calçada. Calceteiro de profissão, começou como servente e hoje é o diretor comercial de uma maiores empresas de calçada em França, a Centralpose.





*Na escola primária, em França*

## De Pombal para França

Charneca, 18 de maio de 1967. Nascia, neste dia, António Manuel de Jesus. Foi o último de oito irmãos a nascer, quatro rapazes e quatro raparigas. O pai era carpinteiro e a mãe doméstica, mas na altura em que nasce já o pai estava a iniciar uma nova vida em França. Apesar da arte da carpintaria ser bem paga em Portugal, era uma vida melhor que procuravam. França foi o destino, a partir de 1963, e foi levando os filhos, um a um, para França, para reunir toda a família. António foi o último a nascer, e partiu com três anos de idade, em 1970. Por isso, as memórias de Portugal são nenhuma. “Assim que o meu pai conseguiu comprar uma casa em França, o resto da família juntou-se a ele, exceto a irmã mais velha que sempre ficou em Portugal”, conta. Foi no departamento 93, em Villemomble, que a família se instalou. Na altura, não era usual fazer-se créditos para comprar casa, mas o pai de António arriscou. “Nunca estivemos em apartamentos, nem em casas de aluguer, o meu pai arriscou comprar casa. Até o chamaram de maluco, mas nunca faltou com um compromisso ao banco. A verdade é que, em comparação com outros emigrantes, tivemos a sorte de viver na nossa própria casa. Mesmo tendo de trabalhar, vivíamos bem. Ele fez isso com a ajuda dos meus irmãos que trabalhavam e entregavam o salário”, recorda. António era o mais novo e, também, o mais acarinhado. A mãe, apesar de estar junto dos filhos e do marido, em França, tinha de se deslocar várias vezes a Portugal, para tomar conta da avó de António, já com alguma idade. Foi o pai, por isso, que acabou por se ocupar mais dos oito filhos.



*António com os pais*



## As primeiras memórias

As primeiras memórias de António prendem-se com momentos pouco antes de entrar na escola. Lembra-se das roupas, brinquedos e dos carinhos que recebia dos irmãos. Sempre tiveram todos um ótimo relacionamento. António integrou a escola em França e os primeiros tempos foram os mais difíceis. Havia, para começar, o

problema da língua. Em casa falavam o português e, na escola, sentiu dificuldade em comunicar com os amigos. A adaptação não foi a mais desejada, mas como criança inteligente e desenrascada, rapidamente aprendeu. Ainda chegou a chumbar no primeiro ano, mas recorda que na altura as pessoas não eram tão individualistas e





*Comunhão Solene*

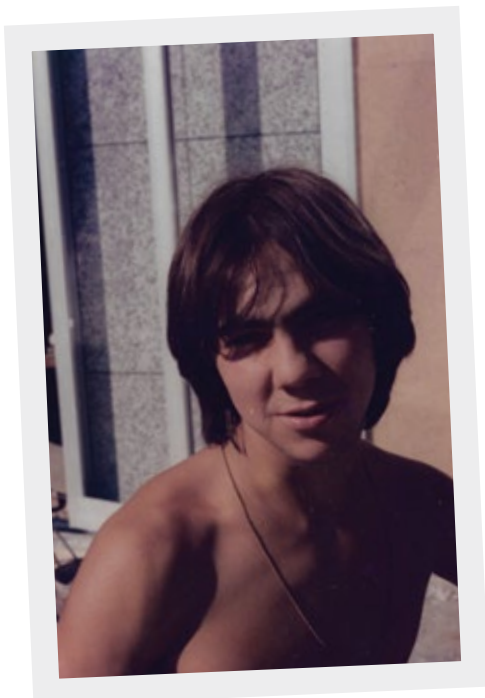


que fizeram de tudo para que se integrasse. Assim, depressa começou a ter amigos franceses. Esteve na escola até aos oito anos, altura em que regressa a Portugal, com a mãe, para se ocupar a 100% da avó. Agora em Portugal, impunha-se uma nova adaptação. “Quando uma pessoa está aqui, é considerada um português. Quando cheguei a Portugal, era visto e tratado como um francês”. Ainda assim, a idade já era outra e isso facilitou a integração e a adaptação à escola portuguesa. Na altura, poucas eram as famílias que regressavam a Portugal, por isso António era visto como um superior em relação às outras crianças, porque vinha de França. “Nessa altura passei muitos bons momentos”. Nunca foi criança para se ‘matar’ a estudar. “Sempre fiz o mí-

nimo, nunca me esforcei muito. Não havia quem controlasse os meus trabalhos, por isso ia fazendo apenas o necessário para estar na média e passar de ano”. Foram seis anos que estive em Portugal. Seis anos longe dos irmãos, que tanto gostava. Foi este amor pelos irmãos e a oportunidade de França lhe abrir mais horizontes que decidiu voltar para a capital francesa. Entretanto, o pai reforma-se, volta a Portugal e António fica à responsabilidade dos irmãos, em França.

## **Regresso a França**

Com 14 anos, António não sabia ainda o que queria para a sua vida. Sonhava com música, que é a sua gran-



*António com os irmãos*



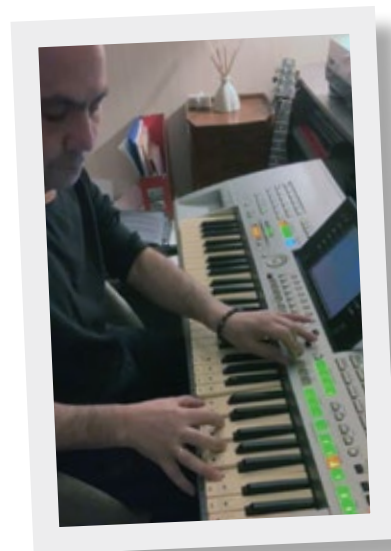
*A paixão pela música*

de paixão. Sempre foi bom dançarino, aprendeu a tocar guitarra e piano e é DJ para si mesmo. Adorava música, mas vi-a apenas como uma paixão e não como um futuro profissional a seguir. “Em Portugal não conseguia atingir determinadas coisas e via a França como possibilidade de evoluir”. Foi já aqui que viu a possibilidade de integrar uma escola de estilistas para fazer parte de uma empresa de cabedal de um senhor conhecido da família. “Via esta solução como uma oportunidade, mas a falta de estudos adequados não me deixaram integrar a formação”, lamenta. Acabou por fazer alguns trabalhos para a empresa, mas apenas como forma de ganhar uns trocos, realizando umas horas por semana. Durante algum tempo foi assim que cuidou da sua vida. Aos 16 anos, e como forma de preparar a sua viagem de férias a Portugal, um acaso viria a transformar a sua vida.

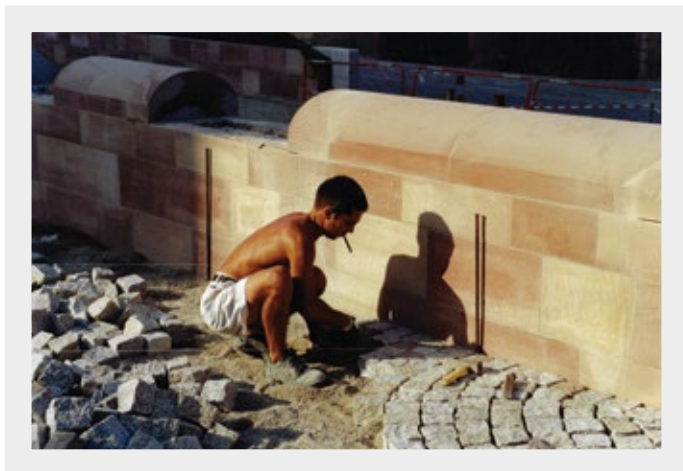
## **Um acaso virou profissão**

Precisava de dinheiro para as férias em Portugal. Surgiu a oportunidade de trabalhar um mês em pavimentos e calçada, na empresa Pavet Français. O que seria apenas um mês, acabou por se prolongar. António gostou do ordenado que recebeu e decidiu continuar a trabalhar, esquecendo mesmo as férias em Portugal. O trabalho não era o que mais lhe agradava, mas o salário sim. “Comecei por ser ajudante na empresa, em que fazíamos pavimentos, e acabei por lá ficar cerca de dois anos. Era uma das maiores empresas de pavimentação de França”. Foi nesta empresa que conheceu Artur Machado, alguém que posteriormente viria a revelar-se importante na sua vida. Após a falência da empresa, António seguiu para a Granitpose, uma empresa da





*Quando começou nos trabalhos públicos*





*Almoço com os colegas de trabalho*

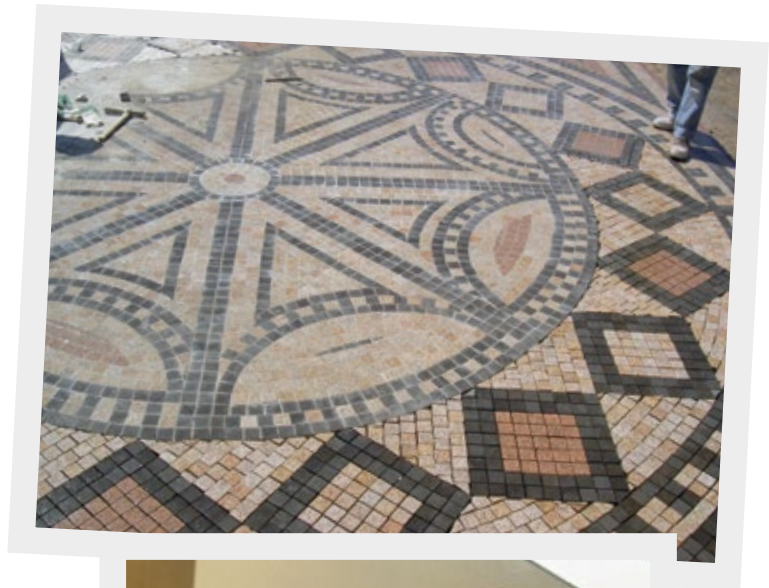
mesma área de atividade, montada por um funcionário da Pavet Français. Aqui teve hipótese de subir de categoria, não sendo mais ajudante. Passou a pousar a pedra e cada vez mais, António se foi apaixonando por esta profissão. Aqui esteve cerca de cinco anos, seguindo-se mais dois em que passou por várias empresas da mesma área. “Na altura, as empresas não duravam muito tempo, então acabava por ficar pouco tempo em cada uma”.

Em 1990, António integra a SPP – Societé Parisienne de Pavage. Empresa de dois sócios, Artur Machado já assumia aqui a função de diretor comercial. Uma divisão interna acabou por ditar o fim da SPP e a criação de duas novas empresas. António de Jesus aceitou a proposta da Centralpose, empresa agora criada por Artur Machado e que prontamente desafiou António para trabalhar consigo.

## O início da Centralpose

“Eu dava-me bem com todos da SPP e por isso podia integrar qualquer uma das duas empresas que estavam a ser criadas. O senhor Artur Machado foi o primeiro a convidar-me, e isso fez a diferença”, conta assim a história que já leva 25 anos de existência. A Centralpose é criada e começa a laborar em 1995, e António aqui permanece até hoje, sendo agora o funcionário mais velho da empresa. Começou como acompanhante, passou a chefe e, desde 2000, que integrou os escritórios da Centralpose como encarregado de trabalho. Em 2010, passou a responsável de encarregados, função que mantém até hoje, acumulando com a direção comercial da empresa. “O melhor que esta empresa tem é que fazem evoluir profissionalmente as pessoas internas. Quando





as pessoas sabem que o trabalho é recompensado e que podem subir hierarquicamente, isso acaba por ser positivo para a empresa”. António de Jesus viu a empresa nascer e fez o necessário para a Centralpose estar onde hoje está. “Hoje posso dizer que é uma das maiores empresas de calceteiros de França, seja ao nível de funcionários e de mercados. Por isso, a empresa é como se fosse um filho para mim. O Artur Machado sempre teve confiança em nós e deu-nos coragem. Tivemos momentos difíceis, mas, mesmo assim, hoje estou contente de ter feito a minha carreira aqui. Fiz o melhor que podia”. António de Jesus é uma pedra basilar na Centralpose e orgulha-se de obras emblemáticas que a empresa fez ao longo destes anos, como a calçada dos Champs-Élysées.



*Entrega do diploma dos 25 anos de trabalho pelo Presidente da Câmara*



*Casamento civil em França*



## O apoio familiar

Paralelamente ao crescimento profissionalmente, António foi construindo a sua família. Casou em 1995, no mesmo ano de criação da Centralpose. Eugénia, a sua esposa, é natural de Montalegre. Conheceram-se já em França, tinha ela chegado de Portugal há pouco tempo. António esteve sempre ligado à comunidade por-





*Casamento religioso em Portugal*





*Com o filho Marc*



*Com o filho Thomas*

tuguesa e foi num baile tipicamente lusitano que a conheceu. “Simpatizamos um com o outro, começámos a namorar e casamos quatro anos depois”. Casou com 28 anos, mas não se arrepende. “Há idades em que temos de aproveitar a vida e depois de casar temos de mudar certas atitudes e hábitos”. Os filhos surgiram em 1997 e 2000, o Tomás e o Marco. Hoje, já crescidos, é com orgulho que António olha para o percurso dos filhos.



*Com os meus filhos*

O mais velho terminou um BTS em trabalhos públicos e o mais novo é estudante de jornalismo. Nunca teve problemas com os filhos, fruto de educação assente nos valores do respeito, da cooperação, da união e do valor da família. Orgulhando-se da sua cultura e das suas raízes, António sempre fez por os filhos falarem a língua portuguesa. Por isso, em casa, não se fala outra língua que não o português.





*Na celebração dos 50 anos de casados dos pais*





## Viver a vida

Com a vida realizada e sendo feliz pessoal e profissionalmente, António de Jesus, aproveita agora para viver e saborear cada momento. Sente que perdeu alguns momentos familiares importantes, por isso é hora de recuperar o tempo perdido. “O trabalho exigia muito de mim. Saía à segunda e só voltava à sexta. Lembro-me que um dia saí e o meu filho só gatinhava, quando voltei já andava. Isso são momentos que não posso mudar, mas que nos fazem arrepender e repensar as nossas prioridades”. Mudar os momentos de ausência era o que fazia hoje, se tivesse esse poder. “Estar bem na vida não é o mais importante, os bens afetivos não se compram”. Talvez por isso

sejam agora muitos os momentos em família. “Tentamos fazer tudo juntos”.

Em França, António teve condições para construir a sua vida. O que faz agora, é tentar retribuir à empresa aquilo que ela lhe deu. Ainda é um homem de sonhos. Sonha em viajar mais, mas o seu medo de andar de avião sempre o travou nesta aventura. “Quero aproveitar mais a vida, é isso que me falta fazer”.

António de Jesus sabe que as pessoas ficam lembradas por aquilo que fazem de mal e não de bem. Por isso, só deseja que seja lembrado como alguém que tentou sempre fazer o bem. “Quero que os meus filhos tenham orgulho e digam que fui boa pessoa”.



# Artur Brás

“Tudo o que investi como homem, é isso que recolho agora.  
Dá-me prazer ver o respeito das pessoas para comigo,  
o nome Arthur Brás na região tem um grande peso,  
mas surpreendo-me comigo próprio com o que consegui.  
Sempre acreditei em mim, é fantástico chegar onde cheguei”







**F**

É em Rossas que começa esta história. Uma história de ambição e conquistas, mas também de simplicidade e humildade. Uma história de emigração, mas também de amor à sua pátria. Uma história de realização, mas também de querer sempre mais. O protagonista é Artur Brás. Os franceses colocaram-lhe um 'h' no nome, e hoje é o nome Arthur Brás que vinga. Artur em Portugal ou Arthur em França, mas a mesma pessoa. Um empresário que cedo começou a desenhar o percurso da sua vida. O sucesso, esse, alcançou-o rapidamente. A ambição, a perspicácia e o sentido de oportunidade foram-lhe suficientes. Artur nasceu na década de 40, altura em que na freguesia de Rossas, do concelho de Vieira do Minho, ainda eram mais de 2800 as pessoas que nela habitavam. Hoje, são pouco mais de 1600. A desertificação dos meios rurais é característica comum um pouco por todo o país. A procura de mais e melhores oportunidades levam muitos a procurar novos destinos. Artur não foi diferente. Independentemente dos motivos, deixou Rossas e partiu para França, onde aqui se tornou um empresário conhecido e respeitado por muitos.

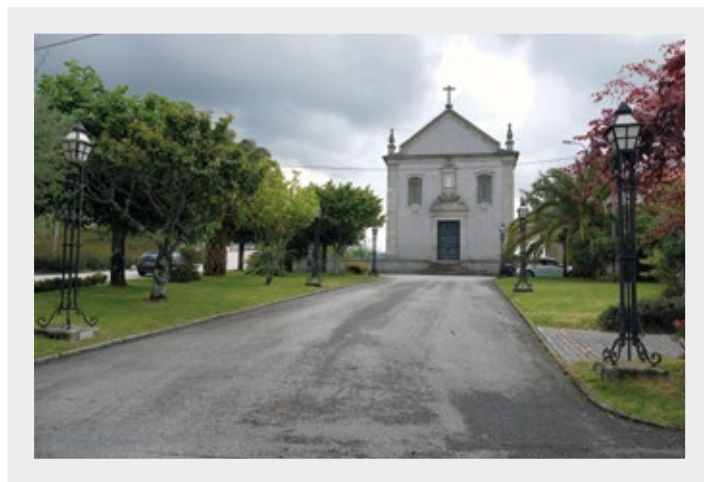


## Infância rural, mas privilegiada

Artur Brás é o filho do meio de um conjunto de cinco irmãos. Manuel Brás e Elvira Ferreira Mateus, os seus pais, eram agricultores em Rossas. Aqui nasceu e viveu Artur a primeira fase da sua infância. Viver no meio rural dava-lhe qualidade de vida, e era frequente as suas passagens pelas vinhas e olivais da família. Terrenos não faltavam, o que lhe permitiu ter uma infância privilegiada. São ainda muitas as recordações desses tempos, altura em que notava ter tendência para os negócios. “Nós tínhamos caseiros que trabalhavam para nós, e já era eu que fazia parte na distribuição das partilhas”, conta. Artur nasceu a 29 de Outubro de 1948 e concluiu os estudos até à quarta classe na sua freguesia de Rossas, incluindo o exame de admissão, obrigatório na época. Bom aluno, sempre gostou da escola e dos professores, mostrando grande apetência por aprender coisas novas. “Enquanto não me ensinasse, eu não largava”. As brincadeiras, essas, também não ficavam esquecidas. Era uma criança alegre, dinâmica e muito aventureira. Com os irmãos sempre teve uma ótima relação, mas com nove anos viu o seu irmão mais velho partir para o Brasil. A relação começou a ser mais distante quando também Artur saiu de Rossas para con-



*Escola primária em Rossas*









tinuar os seus estudos. Não era comum na altura, mas aconselhados pela professora, os pais Manuel e Elvira quiseram que o filho continuasse a estudar para além da quarta classe.

Foi com 11 anos que Artur chegou a Braga para integrar a Escola Industrial Carlos Amarante, durante cinco anos. A adaptação? Complicada. “Sentia a falta da mãe à noite, eu era muito novo e também um pouco mimado”. Artur passou os cinco anos numa família particular, em Braga, e eram esporádicas as visitas à família. Não esquece a oportunidade que teve, e orgulha-se de ter sido “uma das primeiras crianças da aldeia a sair

para continuar a estudar”. O seu futuro ganhava assim asas, saindo do destino da agricultura. Formou-se em Comércio, terminando a escola com 17 anos.

## O regresso a Rossas

Artur sabe que foi um privilegiado. Estudar, naquela época, era para poucos. Agradece aos seus pais por isso, pois sabe que foi o começo da sua vida. Ainda assim, confessa que foi o período mais difícil da sua vida. Vinha a casa apenas quatro vezes por ano, nas interrupções letivas. As saudades dos pais e dos irmãos eram

muitas. Por isso, cada regresso a Rossas era aproveitado da melhor forma. As brincadeiras ao ar livre, os passeios pelos terrenos, o convívio com as pessoas da aldeia. Tudo isso são pequenas lembranças da felicidade vivida nesses momentos. Ao fim de cinco anos, o regresso a Rossas foi definitivo. Pelo menos na sua ideia inicial. Estávamos em Junho de 1965 e nas colónias existia uma guerra ao qual todos tentavam evitar. Foi o que fez Artur Brás. Para evitar a guerra e a ditadura em Portugal, e por saber falar um pouco de francês, com 17 anos conseguiu um passaporte de estudante e foi para França.

## A primeira passagem por França

Ao contrário da maioria dos portugueses que chegava a França, Artur entrou legal em terras gaulesas. Em Saint-Denis tinha um amigo, que o acolheu no bidonville durante três noites. Foram apenas três noites, mas que o marcaram até hoje. “Era horrível, não havia o mínimo de condições humanas. Chegámos a dormir três pessoas numa cama só”, lembra. Não era isso que queria para a sua vida e, por isso, em pouco tempo, arranjou trabalho e local para dormir, mais confortável. Começou a trabalhar numa empresa francesa, como ajudante na construção. Existiam ainda poucos portugueses, estávamos no início da emigração portuguesa para França. Os que já estavam em França, eram explorados e mal vistos pelos franceses. Artur lutou contra isso, arregaçou as mangas e foi subindo, degrau a degrau. “Eu trabalhava como ajudante, mas via o carpinteiro a colocar os pregos, tra-



balho mais fácil do que o meu, em que andava com a picareta. Eu ajudava um italiano, era eu que lhe chegava os materiais para ele os colocar. Cheguei ao ponto em que quis trocar de funções. Foi uma questão de diálogo com o italiano, mas consegui". Começava aqui Artur a mostrar a sua ambição de querer subir na vida. Passou de ajudante a carpinteiro, mas queria mais. Nas obras, começou a observar os que andavam com os projetos, e quis voltar a subir. "Eu tinha feito uma formação onde aprendi a ler projetos e aprendi a profissão de marceneiro. Os encarregados tinham escritório, estavam mais quentes no Inverno, e tive a ambição de também chegar a esse ponto". Não foi preciso um ano, e Artur já era encarregado. Foi ultrapassando os colegas de profissão, que sentiam orgulho por ver um rapaz novo cheio de dinamismo e ambição. Talvez tenha sido dos primeiros encarregados gerais portugueses, em França. Um funcionário tem que dar rentabilidade na sua profissão. Era isso que eu fazia". Em todas as obras mais complicadas que a empresas abraçava, era Artur que a liderava. Durante algum tempo foi no centro de Paris que estavam as obras que liderava, mas em 1972 abraçou o primeiro



*A mulher Maximina da Silva*

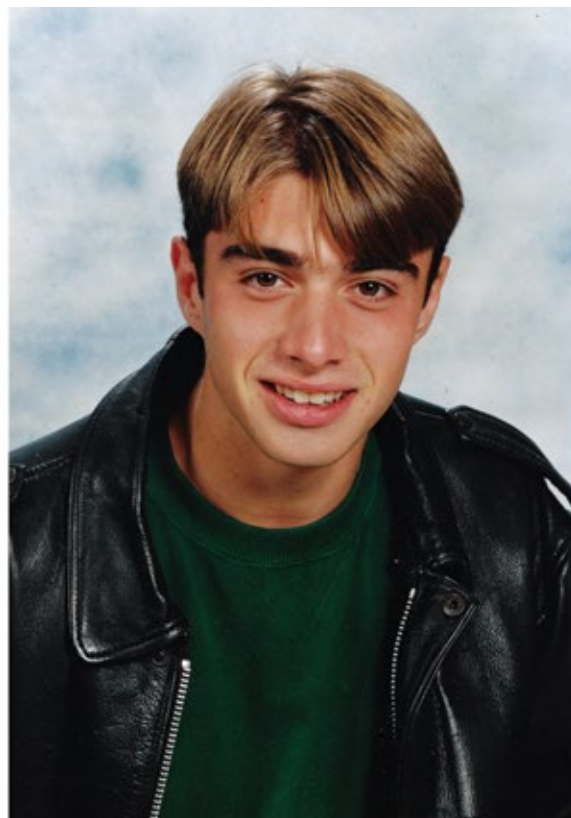




*Artur Brás com os pais*

*Artur Brás com os pais*





*Os filhos de Artur Brás*

projeto da região de Chantilly. Este projeto, a restauração de um castelo, já teve Artur como responsável de distrito. Foi assim que apareceu pela primeira vez Artur Brás nesta região, que acabou por desenvolver por completo. Com 25 anos, Artur era diretor-geral da empresa e dirigia 50 pessoas na região de Seine-et-Marne. “Durou dois anos, altura em que me demitei e regressiei a Portugal”.



*Pintura dos filhos de Artur Brás*



## Regresso a Portugal: o sonho do emigrante

Em França, sentia que não podia crescer mais a nível profissional. Em poucos anos, trabalhou e fez as suas economias. “Só faltava colocar-me à minha conta e, nesse sentido, tinha duas hipóteses: arriscar em França ou em Portugal”. O desejo de voltar a Portugal estava presente na sua cabeça desde que passou a fronteira. Assim como qualquer emigrante, também Artur tinha a ambição de regressar à sua pátria o mais rápido possível. Foi encarregado geral com 20 anos, condutor de trabalhos com 23 e diretor da empresa aos 26 anos. A ambição e os sonhos não terminaram, apenas mudaram de localização. Decidiu regressar a Portugal com 27 anos, com a ideia de aqui se fixar de vez. Sempre muito bairrista, foi em Vieira do Minho que se fixou, realizando aqui vários investimentos patrimoniais e começando a sua empresa de construção civil. Ao fim de um ano, um acidente numa obra fê-lo regressar a França, onde criou a sua empresa em 1977, especializada na construção de vivendas de luxo.



*A casa em Chantilly*

## Uma segunda tentativa em França

Artur teve um acidente de trabalho, nada que o tivesse marcado para o resto da vida, mas despoletou um novo regresso a França. Neste vai e vem, já o acompanhava a sua família. Com 22 anos conheceu, em Paris, Maximina da Silva, também ela originária de Vieira do Minho, e casaram em 1970. Companheira de vida, como diz “discreta, mas sempre presente, revelando-se um grande





apoio nos momentos mais difíceis. Esteve sempre ao meu lado, e foi crucial para atingirmos a meta dos 50 anos de casamento, em Agosto de 2020. Foi também ela que acabou por se ocupar mais dos nossos filhos”. Elvira é a filha mais velha do casal, tendo nascido em 1971, e Joel o mais novo, nascido em 1977. Tinha apenas três meses de idade quando embarcou na aventura dos pais do regresso a Portugal. Aventura que durou doze meses, regressando novamente à região de Chantilly, onde Artur Brás empreendeu, investiu e construiu o futuro da sua família. “Vi que o meu futuro era ali, havia um potencial enorme para desenvolver. É uma zona rica, não muito longe de Paris, bem servida pelo aeroporto de Charles de Gaulle. É uma zona fantástica com construções de qualidade, de muito luxo”.

## **Groupe Arthur Brás – um nome de respeito**

Foi na segunda ‘vida’ em França que Artur se tornou empresário em terras gaulesas. Arthur Brás Construction foi a sua primeira empresa, começando com três pessoas. Rapidamente subiu a 10 e depois a 20 colaboradores. Até 1988 dedicou-se à construção de vivendas contribuindo, e muito, para o crescimento populacional da região de Chantilly. O nome Arthur Brás tornou-se incontornável na zona, significando qualidade, luxo, seriedade e respeito. Ao mesmo tempo, tinha também uma empresa de promoção imobiliária juntamente com dois sócios. No dia em que fez 40 anos, sentiu uma súbita vontade de tentar um novo regresso a Portugal. “Es-



tava bem na vida, tentei novamente”. Quis o destino, ou as circunstâncias da vida, que este regresso durasse também apenas um ano. A idade era outra, a sociedade diferente, e a adaptação a Portugal não correu como desejava e por isso sentiram que o futuro estava mesmo designado a França. “O país estava diferente, e também eu tinha mudado a minha maneira de ser. Não fiz esforço nenhum para me adaptar”. Por mais que fosse o seu desejo de viver em Portugal, várias foram as condicionantes que o impediram. Regressa a França e, já em Chantilly, foi hora de retomar a ação das suas empresas e continuar a espalhar a qualidade das construções Arthur Brás por toda a região. Hoje, é proprietário de um grupo de 15 empresas, dedicadas ao património, construção e promoção imobiliária. Não mais voltou a sair de França, mas também em Braga continua com a sua empresa.

## **Um novo impulso na sua vida**

O seu mais recente projeto saiu fora da sua zona de conforto: trata-se do Hyatt Regency Chantilly, um hotel de quatro estrelas. Aposta arrojada. Foi a expressão que Artur Brás encontrou para descrever este projeto. Conhecido homem do sector da construção e promoção imobiliária, gerir um hotel não estava propriamente nos

seus destinos, mas a oportunidade surgiu e Artur não a deixou fugir. Durante vários anos passava em frente à propriedade onde agora está instalado o seu hotel, sem nunca lá ter entrado. Sabia apenas que ali se encontrava uma fábrica, que chegou a empregar cerca de 350 pessoas. “Nunca entrei, não sabia o que estava lá dentro”, recorda. Tudo mudou em 2005, quando Artur Brás foi convidado a visitar a propriedade, que se encontrava à venda. Resultado? Ficou deslumbrado com o espaço. Desde então, passaram-se mais de dez anos para que conseguisse ali consolidar um projeto. As dificuldades foram muitas, mas a sua perseverança não o fez desistir. Anos e anos a lutar por parceiros, até que encontrou no grupo Hyatt o parceiro ideal para desenvolver um hotel. Localizado no coração de um dos destinos turísticos mais populares da região de Paris, o hotel oferece uma ampla gama de atividades e locais a não perder durante a sua estadia. Abriu ao público em Novembro de 2018, tendo sido inaugurado no dia do seu 70º aniversário. “Penso que foi o momento mais marcante da minha vida”. Rodeado da sua esposa, família, de amigos e autoridades políticas da região, Artur sentiu que esse era o ‘seu’ dia. No seu discurso, Artur agradeceu à família todo o apoio que lhe deram nas horas difíceis, que o ajudou à concretização do seu sonho.

*Nos 70 anos, com as netas*



## O verdadeiro Artur Brás

Muito construiu, com esforço e dedicação. Muito podia ainda construir pela sua ambição. O Hyatt Regency Chantilly é a prova de que Artur não fica nunca resignado no tempo. Com 70 anos abriu um espaço hoteleiro, mas desengane-se quem pensa que os dias são passados no sofá. Continua a manter uma estrutura de trabalho que o acompanha há vários anos. “Sejam encarregados, staff ou outros funcionários, estão habituados comigo e eu com eles. Para além disso, sou amigo dos meus funcionários. São muito bem recompensados pelo esforço que fazem pelas empresas.

Artur é um homem de família, franco e claro, nunca deixando nada por dizer. O filho e a nora trabalham consigo, e também a neta em Portugal, mas admite que em família o assunto trabalho nunca é discutido. “Para além de empresário, sou marido, pai e avô. E aprecio os momentos em família”. E é à família que fez questão de passar a mesma educação que recebeu dos seus pais. Seriedade, palavra, respeito e nada de vaidades são condições essenciais para si. “É importante nunca esquecer do sítio onde viemos, nunca gostei de dar nas vistas, gosto de ser discreto”. A prova disso é que Arthur Brás é ainda um nome pouco conhecido no seio da comunidade portuguesa em França. Tem amigos franceses e portugueses, mas que o respeitam pela sua maneira de ser. “Tudo o que investi como homem, é isso que recolho agora. Dá-me prazer ver o respeito das pessoas para comigo, o nome Arthur Brás na região tem um grande peso, mas surpreendo-me comigo próprio com o que consegui. Sempre acreditei em mim, é fantástico chegar onde cheguei”. Foi com a sua bravura e visão que o conseguiu, sendo hoje um homem feliz e realizado. Mas não se deixa ficar por aqui, quer sempre mais. Para si a idade não impõe limites. Enquanto tiver saúde, vou continuar a trabalhar e ajudar aqueles que precisam de mim. Essa é a minha motivação”.





# Assunção Nascimento

“Graças a Deus estou muito contente por tudo o que tem acontecido.  
Agora espero continuar a ajudar em tudo o que conseguir”





*Assunção antes de emigrar*

**F**É em Abreiro que se começam a escrever estas linhas. Existem vestígios que indicam que a sua origem é anterior à romanização. Pensa-se que talvez da época dos godos. Quanto à origem do seu nome, dizem uns que a sua proveniência terá vindo da palavra árabe “Ábara”, que significa passear de um lado para o outro. Sustentam, outros, que poderá ter surgido do nome próprio Abrário, da Idade Média. Por sua vez, o povo acha que poderá ter surgido da expressão “Abre-te Rio”, fazendo alusão ao facto de o rio Tua alargar neste local. Abreiro teve foral em 1225, concedido por D. Sancho II. Dom Afonso III confirma-o em 1250 e D. Manuel I renovou-o em 1514. Nesse tempo, Abreiro, enquanto concelho, era constituído por Abreiro, Navalho, Sobreira, Milhais e Longro. Foi

pertença dos marqueses de Vila Real, mas, por terem traído a pátria em 1641, voltaram a perdê-la. O concelho de Abreiro passa da coroa para a casa do Infantado, tendo sido extinto pelo Liberalismo e ficando integrado no concelho de Lamas de Orelhão até 1853, data em que passou, definitivamente, para o concelho de Mirandela, ao qual ainda hoje pertence. Falamos de Abreiro para falar de Assunção Nascimento. É aqui que nasce e onde ainda hoje tem as suas raízes. A emigração atravessou-se pelo caminho da vida, e é em França que ainda hoje reside, mas é em Abreiro que permanecem grandes e boas recordações.

## **Infância em Abreiro**

Maria da Assunção Nascimento nasceu em Abreiro, concelho de Mirandela, a 11 de outubro de 1948. A sua infância foi passada nesta aldeia, e é daqui que tem as recordações do seu início de vida. Era originária de uma família pobre, mas garante que nunca nada faltou, pois os pais trabalhavam para nunca faltar o pão na mesa, o que consideravam ser o essencial. “Ainda assim éramos muito felizes”, conta. O pai, conhecido por José Momenta, e a mãe, Júlia Carneiro, trabalhavam na agricultura, a “lavoura” como ainda hoje carinhosamente





recorda essa atividade. Assunção era a mais velha de seis irmãos, e lembra o ambiente fraterno vivido entre todos, no lar. “Tive uma infância feliz, o meu pai era muito brincalhão e havia sempre diversão em casa”, conta. Apesar de não saber ler nem escrever, José Momenta nunca tirou os filhos da escola nem um único dia em prol do trabalho. Terminar a 4ª classe, o habitual na altura, era importante para ele. Assim o fez Assunção Nascimento, altura em que abandonou os estudos para começar a trabalhar, ainda muito jovem. Chegou a mudar-se para o Porto, para a casa de uns tios, com o objetivo de trabalhar de dia e estudar à noite. Esse sonho, porém, rapidamente ficou destruído. O tempo livre de Assunção era passado em lides domésticas. “Tinha de passar a ferro, tomar conta da casa e não me davam tempo para estudar. Acabei por contar à minha mãe e regresssei a Abreiro”. Foi fazendo diversos trabalhos, o que ia aparecendo e o que os pais ordenavam, até emigrar com 19 anos para França.



*Com os pais*



*O filho de Assunção*

## A marca de um casamento

Foi essencialmente na agricultura que Assunção Nascimento trabalhou, em Abreiro. Num meio pequeno, não havia oportunidade para muito mais. Mas rapidamente Assunção tentou resolver a sua vida, casando-se com apenas 17 anos de idade. Recorda hoje com o sentimento de arrependimento e assume que casou contra a vontade dos pais. “Uma pessoa quando é jovem não vê bem as coisas. Era um homem da noite e com muitos vícios”. A verdade é que o casamento apenas durou sete anos, mas foram sete anos cheios de histórias e barreiras a ultrapassar na vida de Assunção.





*Em família*

Começaram por tentar uma vida juntos em Espanha, trabalhando Assunção num hotel e o marido nas obras. “Já nessa altura, quanto dinheiro ganhava, quanto gastava”. Com as expetativas totalmente defraudadas, regressam a Abreiro. Nessa altura, o pai de Assunção tinha emigrado para França e desafiou o genro a fazer o mesmo, nunca tentativa de melhorar a sua vida. Corria o ano de 1967 e Assunção ficava em Portugal, grávida, vendo o marido emigrar para França. De lá, apenas chegavam algumas cartas. Com a gravidez a avançar, a

mãe de Assunção Nascimento toma a iniciativa de mandar para França, para junto do marido. Uma viagem a salto, com seis meses de gravidez, foi um risco. Ainda assim, chegou bem. O pior veio depois, assim que chegou ao destino.

## **O fim de um sonho**

Não se pode dizer que França fosse um sonho para Assunção Nascimento, mas havia a esperança de que fos-





se um caminho para a vida do casal tomasse um novo rumo. Ainda jovem, havia uma bagagem enorme de conquistas pela frente. Assim que chegou a França, o pai ficou em estado de choque. Não contava com a sua chegada e sabia que o marido não tinha condições para a receber. “Ele ainda nem dos papéis da legalização tinha tratado. Eu ainda os consegui primeiro”, recorda. A filha nasce em abril de 1968, tinha Assunção 19 anos. Seguiram-se anos de luta pela sobrevivência e pela conquista de estabilidade na vida. Cruzou-se no seu cami-

nho uma condessa que arranjou sítio para morar, e uma senhora portuguesa, que lhe arranjou emprego, e ainda tomava conta da filha. “Foi para mim uma segunda mãe”. Começou então por trabalhar num lar de terceira idade, onde fazia limpezas e ajudava em qualquer tarefa que fosse necessário. Durante três anos, Assunção fazia sete quilómetros a pé, diariamente. “Não tinha dinheiro para transporte”. Fora do lar, ainda fazia horas nas limpezas, o que assim a ajudou a encontrar uma casa para si. Continuava a levar a menina à ama, mas



conseguiu encontrar um emprego mais perto de casa, numa clínica. Esteve lá quatro anos, mas “ganhava-se pouco”. Já com o segundo filho na existência do casal, José nasceu em 1969, Assunção cansou de rumar sozinha à procura de uma vida calma e tranquila. Avançou para a separação, mas não foi aceite.

## Um calvário até à paz

Desde um roubo da documentação de Assunção até desaparecer com a filha, foram várias as tormentas que o marido provocou tendo como objetivo impedir o divórcio. Todas as tentativas de formalizar o divórcio foram em vão, pois faltava sempre a assinatura dele. Apesar da relação intensa vivida com o marido, Assunção dava-se bem com a sogra, que se voluntariou para tomar conta do filho mais novo, em Portugal, para que Assunção conseguisse organizar a sua vida. Assim o fez. Foi nessa viagem a Portugal, para trazer o filho, que o companheiro roubou a documentação de Assunção, tendo de regressar a França novamente a salto. Em França, o calvário continuava. O tribunal decretou uma visita semanal da filha e foi num desses fins-de-semana que o pai “pegou na menina e a trouxe para Portugal, sem eu saber. Chegou-me um telegrama de Portugal a dizer para eu ficar descansada, que ela estava bem, com a minha sogra”.





*Confraria dos vinhos Transmontanos  
Paris 17 de novembro de 2001*



*Com amigas, num dos seus restaurantes*

Em Portugal, por sua vez, o divórcio ainda não estava implementado. Assunção Nascimento foi a primeira pessoa, do concelho de Mirandela a ser divorciada, apenas em 1978. Até chegar a esse fim, foram várias as batalhas que teve de ultrapassar, inclusive ficar longe dos filhos. A filha mais velha, Fernanda, colocou-a a estudar nas freiras, em Mirandela. O filho José foi para uma associação no Porto, as Oficinas de São José, também a estudar. “Na altura não os podia trazer por causa as leis, ainda não existia a União Europeia”. Em 1977, já depois de terminarem o ensino primário, os filhos exprimem a vontade de irem para França e ficarem junto da mãe.



Com 13 e 12 anos, fizeram de Assunção uma pessoa feliz, começando assim a construir uma nova vida.

## **Uma mulher independente**

Com os filhos a integrarem uma escola em Puteaux, Assunção continuava a trabalhar diariamente para os sustentar. Depois da clínica, passou para uma fábrica de metais, onde esteve durante dois anos. Foi depois dessa experiência que passou a integrar o mundo da restauração. Começou em Paris 16, no restaurante Avenue Mozart durante dois anos, onde ajudava na cozinha





*Assunção viveu bons momentos  
nos seus restaurantes*







e fazia as limpezas. Mas já aí começou a sentir vontade em servir. Era contactar e servir os clientes que estava na sua mente. Por isso, mudou. E foram várias as mudanças até chegar ao seu sonho: ter o seu próprio restaurante. A passagem mais longa foi pelo restaurante Les Trois Marches, onde esteve nove anos como responsável, e onde viria a conhecer o pai da sua filha mais nova, entretanto nascida em 1986. O seu primeiro projeto próprio acontece em 1991, com o restaurante O

Benfica, em Colombes. “Sempre desejei ter o meu próprio negócio. Quando comecei na restauração sempre quis ter o meu restaurante, e nunca quis sociedades”. O restaurante revelou-se um verdadeiro sucesso, mas sete anos depois Assunção decidiu vendê-lo ao filho e à nora que, entretanto, tinha também enveredado pela área da restauração. Foi nessa altura, que Assunção viveu um dos dramas mais difíceis da sua vida. Repentinamente surgiu um cancro na medula no filho, com 28 anos, e não houve



*Com as filhas*

tempo para o salvar. Uma notícia inesperada e trágica que abalou por completo a família. Permanece, hoje, a memória de um filho querido que deixou uma neta a Assunção.

## **A paixão da restauração**

Depois d'O Benfica, que ainda hoje permanece na gestão da nora, Assunção abraçou outros projetos de restauração: Belle Époque, Petit Challet e France. Todos

diferentes, mas em todos eles Assunção implementou um cunho muito pessoal. Apesar de nomes franceses, respirava-se portugalidade nos seus espaços. A restauração foi mesmo a paixão de Assunção, à qual dedicou os últimos anos da sua vida profissional. Em 2015 decidiu entrar, de vez, na reforma. O tal desejado descanso de uma vida cheia de batalhas e desafios. Foi difícil, mas nem por isso Assunção desistiu. Fez da vida uma luta, mas venceu.

## Uma verdadeira Portuguesa de Valor

Com a vida resolvida. É assim que Assunção se sente. Com casa própria em França e outra na sua terra natal, em Abreiro, ver a família feliz é o que a sustenta. A filha mais velha mudou-se para Portugal, a mais nova mora junto a si, em Colombes. Foi avó muito cedo, aos 39 anos, mas ainda hoje continua a dedicar-se com amor e carinho aos seus netos. “Tive uma vida de batalha, não tenho muito dinheiro, mas consegui fazer a minha vida. Talvez estivesse melhor na vida e mais confortável se não tivesse dado tanto, mas não me arrependo de ter feito bem”. Foi precisamente por ter feito o bem e por sempre ter estado integrada na comunidade portuguesa que, em 2019, foi uma das vencedoras da iniciativa Portugueses de Valor, da Lusopress. “Senti-me orgulhosa, não contava, fiquei embaçada, mas foi muito importante. Este prémio significa muito para mim. É um grande orgulho por todo o trabalho que tive em toda a minha vida. Graças a Deus estou muito contente por tudo o que tem acontecido. Agora espero continuar a ajudar em tudo o que conseguir”. É com regularidade que vai aos convívios da Academia do Bacalhau de Paris e faz parte da Confraria dos Vinhos Transmontanos, desde 2011. Gostava de ser recordada como uma pessoa humilde, trabalhadora e amiga. Agora, como diz, “é continuar a viver um dia de cada vez”.





# Clementina Jorge

“Sempre fui uma menina sonhadora e o meu objetivo era aprender,  
descobrir mundos novos e desenvolver-me como pessoa.  
Sinto que conseguia ir mais longe se tivesse estudado”



P

Pombal é terra de história, de lendas e de gente ilustre. Do grande Marquês de Pombal, do historiador e escritor João de Barros, do político Mota Pinto, da poetisa Martel Patrício, do médico e escritor Amadeu da Cunha. Mas Pombal é também um concelho de emigração. Na história humana que é a migração portuguesa, o concelho de Pombal foi, talvez, um dos concelhos portugueses que, durante o século XX, mais filhos ofereceu ao mundo. Espalhados pelos quatro cantos do planeta, abriram novos mundos a Pombal. A pequena freguesia de São Simão de Litém também corre mundo. Da Europa, a África e até na América, em diferentes pontos do globo se encontram conterrâneos deste pequeno meio

rural, que viu partir muitos filhos essencialmente a partir da década de 50 e 60. Situada na margem direita da ribeira de Litém, a freguesia ficou bastante conhecida na sequência de árduas lutas aqui travadas em prol da autonomia dos territórios da margem esquerda da Ribeira de Litém, delimitadora da área de jurisdição entre o bispado de Leiria com o de Coimbra. A tradição oral, transmitida de geração em geração fala de terríveis cenas de cajadadas, protagonizadas pelos da terra, que puniam forasteiros que se atreviam a desrespeitar os hábitos locais. Eram os famosos “cajados de Litém” a ditarem as suas leis. Esta história, a de Clementina Jorge, nasce precisamente em São Simão de Litém e, à semelhança de muitas outras, corre mundo, prova o sabor da emigração e vence a luta da vida.



*Infância e juventude  
em São Simão de Litém*







## O primeiro contacto com a costura

Com dez anos de idade, Clementina sai da escola e passa a dedicar-se a tempo inteiro à agricultura, ajudando a família. Ao mesmo tempo, o seu pai emigra para França, onde se manteve durante dez anos com o objetivo de preparar o futuro dos seus filhos rapazes. Durante esses anos eles cresceram e foram ter com o pai a França, para que não ficassem a trabalhar na agricultura”. Nesta altura, Clementina foi uma importante ajuda para a sua mãe. Para além da agricultura, à noite também ajudava a sua irmã mais velha em trabalhos de costura. “Nessa altura já sonhava com moda, sempre gostei muito de roupas”. Foi assim que Clementina deu os primeiros

passos na costura, começando por aprender com a irmã a fazer os acabamentos. Sem imaginar o seu futuro, estes primeiros passos tornaram-se importantes naquilo que viria a ser a sua atividade profissional. O seu espírito era sempre de querer aprender mais. Até aos 19 anos, a vida de Clementina era preenchida entre a agricultura e a costura, só existindo pequenos espaços para os bailaricos de aldeia, que aproveitava ao máximo. “Eu era muito alegre e gostava de dançar e de cantar. Cheguei a ganhar vários concursos nos bailes de melhor dançarina”.



*Casamento com Manuel Francisco*



## O marido “angolano”

Foi com apenas 14 anos que Clementina conheceu aquele que viria a ser o seu marido e companheiro de vida. Em São Simão de Litém, existia uma exploração de petróleo onde aos domingos se realizava um baile. Apesar de ser natural da mesma freguesia, Manuel Francisco já residia em Angola, para onde emigrou aos 16 anos. Numa visita às origens, conheceu Clementina, que rapidamente a convidou para dançar. “Ele era mais velho, já tinha 21 anos, e foi aí que nos conhecemos. Dançamos e acompanhou-me até casa”. Manuel regressou a Angola, mas rapidamente começaram a trocar cartas

entre os dois. Era assim a comunicação, e foi desta forma que continuaram durante alguns anos. A distância era grande e a ausência de Manuel Francisco não ajudava ao relacionamento. Este, quando sentiu que podia estar a deixar ‘escapar’ Clementina, veio de Angola a São Simão de Litém decidido a não mais deixar largar Clementina. Era bem visto na família, o que ajudou ao relacionamento. “Eu era muito novinha, e a família influenciava sempre um pouco na altura”. Casaram a 14 de Fevereiro de 1962, tinha Clementina 19 anos, e dava assim início a uma nova fase da sua vida.



*Casa em Angola*



## **A vida em Angola**

As diferenças nos usos e tradições dos anos 60 para hoje são muitas. E um desses exemplos remete às festas de casamento. Recorda Clementina que no dia do casamento, após a cerimónia na Igreja, cada noivo tinha a sua festa, de forma independente. “Eu fui para casa com a minha família e ele esteve com a família dele. Eram festas separadas. Foi um momento bonito, mas cada um em sua casa. Apenas nos voltámos a encontrar à meia-noite, quando o noivo veio até meio caminho buscar-me”. Casaram e partiram. Horas depois da cerimónia já estavam num barco em direção a Angola,



*Clementina na empresa de cerâmica*





*Primeiros passos  
no mundo da moda*

numa viagem que durou 15 dias. Foi uma viagem dura, mas com bons momentos pelos bailes e festas que lá viveram. A primeira recordação que tem da chegada a Angola foi um momento trivial, mas que recorda com um sorriso no rosto. “Comprei um mamão a achar que era um melão. Quando provei, não gostei nada”. O casal desembarcou em Lobito e à espera estavam alguns casais amigos de Manuel Francisco, que deram boleia até Benguela, onde se instalaram.

Em Angola, Manuel Francisco era dono e gerente da

Cerâmica Preferível desde os seus 17 anos. Clementina começou a acompanhá-lo na empresa, vindo a tornar-se o seu grande braço direito. “Eu estava habituada a trabalhar, mas a cerâmica exigia muito de mim. O meu marido passava o dia fora nas obras e nos clientes, eu ficava a gerir 50 pessoas e tudo o que se passava na cerâmica”. Foi assim, durante sete anos, que Clementina ganhou experiência em comércio e jeito para os negócios, gerindo diariamente os destinos daquela que era a cerâmica mais importante de Angola.



## A paixão da costura

Foi a partir do seu escritório na Cerâmica Preferível que surgiu a oportunidade de realizar um curso de costura. Um vendedor de uma máquina de costura falou-lhe numa formação que ia iniciar na Casa Branca, uma conhecida marca de lojas de roupa em Angola, detidas por Fortunato Branco. O seu gosto pela moda foi suficiente para abraçar esta aventura. Durante três anos, trabalhava de manhã na cerâmica e, de tarde, frequen-





tava as aulas de costura. Foi uma formação intensiva, onde Clementina aprendeu todos os truques, segredos e técnicas de confeção. “Desde o desenho, modelismo, acabamentos, tivemos de aprender tudo. Éramos 30 formandas”, recorda. De 1964 a 1966, este curso deu as bases para que Clementina se tornasse numa grande costureira e assim ajudá-la a ter uma ocupação diferente da cerâmica. “Após o término do curso, fiz um estágio de um ano para aperfeiçoar os acabamentos e depois comecei a trabalhar a 100% na costura”. Já a morar no centro da cidade, onde o casal construiu uma casa, Clementina dedicava-se agora à confeção de roupa, trabalhando para a famosa Casa Branca e para o Figurino da Moda, assim como para pessoas amigas que queriam o seu trabalho. Sempre dinâmica e ativa na procura dos seus sonhos, Clementina ainda deu ao marido mais um motivo para se orgulhar. Conseguiu ser a segunda mulher em Angola a conseguir tirar a carta, o que lhe deu mais liberdade de circulação para poder trabalhar.

## A mudança de vida

Com a Revolução dos Cravos em Portugal, em 1974, e a consequente independência das colónias, gerou-se um clima de suspeição em Angola que fez Clementina fazer as malas e regressar a Portugal. Na bagagem, acompanhou-a os seus dois filhos (com cinco e treze anos) e alguns bens materiais. Manuel Francisco permaneceu em território angolano, imperava a urgência de continuar a gerir a Cerâmica Preferível, o sustento da família. Foi em casa dos pais, em São Simão de Litém, que se instalou provisoriamente e onde começou a exercer a sua profissão. A atividade ganhou dimensão ao ponto de fazer roupa para pessoas de toda a freguesia. Ainda assim, a sua ambição de crescimento não ficava por aqui. Com a experiência que tinha, começou a colocar aprendizes que trabalhavam para si. O crescimento fez com que alugasse um armazém de 200 metros quadrados, em Leiria, para melhor desenvolver a sua atividade.









Impulsionada por um vendedor de tecidos, começou a produzir modelos para lojas de roupa de todo o país. A marca Clejor, por si criada, fez um sucesso indiscutível, ao ponto de ter 30 costureiras a trabalhar a tempo inteiro para si. Ainda sobrava tempo para dar formação, sendo centenas as mulheres que aprenderam com Clementina Jorge os truques da costura. Na década de 80 e 90, não havia impossíveis para Clementina. Fazia exposições, desfiles e aproveitava ao máximo cada feira que visitava, incluindo as internacionais. Tinha lojas em Pombal, geridas pela filha, desde os anos 80 até 2010.

## Orgulho no percurso

Durante dez anos, Clementina voltou a ter a companhia do marido a tempo inteiro. De 1980 a 1990, Manuel Francisco tentou uma vida em Portugal, mais próxima da família. Entre a cerâmica e a ajuda na empresa de confecção de Clementina, Manuel não se adaptou e sentiu a necessidade de regressar a Angola para gerir de mais perto a sua empresa, que sempre continuou a laborar. Em 2007, Manuel Francisco foi operado ao coração e começou uma vida mais agitada para Clementina. Entre



*Na festa de 80 anos  
de Manuel Francisco*





médicos e um acompanhamento mais personalizado ao marido, deixou de ter tanto tempo para a sua confecção. Este facto, aliado à crise que se impunha no país, levou ao fecho das lojas e ao encerramento da Clejor em 2010, passando a dedicar-se novamente à cerâmica, embora a partir de Portugal. Nesse mesmo ano, o seu genro parte para Angola para ajudar na gestão da empresa e hoje é uma das pessoas responsáveis pela empresa, depois do falecimento de Ma-



nuel Francisco, em 2018. A cerâmica continua a ser das mais fortes em Angola, contando com mais de 50 pessoas a trabalhar.

Clementina Jorge nunca consegue descansar, mas está a passar a sua parte da empresa à filha para que o negócio continue em bom porto. Hoje, sente-se orgulhosa do seu percurso, mas lamenta apenas a falta de oportunidade para estudar mais. “Sinto que conseguia ir mais longe se tivesse estudado”.



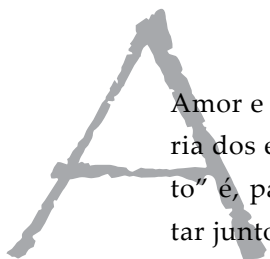




# Domíníc Fernandes

“Neste mundo, se não nos ajudarmos uns aos outros,  
não vamos longe”





Amor e saudade das raízes, são duas características comuns à maioria dos emigrantes ou lusodescendentes. O desejoso “mês de Agosto” é, para muitos, o mais aguardado ao longo de todo o ano. Estar junto dos seus, recordar as memórias de infância, frequentar os lugares do antigamente. São sentimentos únicos, que se replicam por todos os recantos de Portugal. Há casos, ainda, onde se junta a vontade e a determinação de ajudar a sua terra natal. É aqui que encontramos Dominic Fernandes e a sua ligação a Arouca. Não foi em Arouca que nasceu, mas é lá que tem o seu pensamento diariamente. Desde 2015 que Arouca passou a estar na boca dos portugueses pela vontade em conhecer os Passadiços do Paiva. Um foco de atração que já recebeu mais de um milhão de visitantes, para além dos vários prémios turísticos. Destacam-se aqui os World Travel Awards, os óscares do turismo, onde venceu nas categorias “Melhor Projeto de Desenvolvimento Turístico da Europa”, “Melhor Atração de Turismo de Aventura da Europa” e “Melhor Atração de Turismo de Aventura do Mundo”. Um grande feito para um concelho que afirma ter muito para conhecer e descobrir. Também o futebol impulsionou o nome de Arouca no panorama nacional. E também aqui sublinhamos a importância de Dominic, enquanto patrocinador oficial do Futebol Clube de Arouca. Dominic é o verdadeiro exemplo da força dos portugueses além-fronteiras. Nasceu em França, mas assumiu desde logo a nacionalidade portuguesa, da qual muito se orgulha. Para sempre português, para sempre arouquense.





## Uma história de telenovela

De família humilde, hoje é um verdadeiro empresário de sucesso. Criou a Bluetooth em 2004, empresa dedicada à importação e exportação de telemóveis, chegando a vender para mais de 150 países. Recue-mos até 1976, em Chennevières-sur-Marne, França, altura em que nasce Dominic Silva Fernandes, a 1 Fevereiro de 1976. Apesar disso, é o sangue português que lhe corre nas veias. O pai era natural de Arouca e a mãe da região de Leiria, mas foi em Paris que construíram uma vida em conjunto e onde nasceu Dominic e o seu irmão. “O meu pai emigrou em 1973, mas foi por acaso. Ele ia para a Austrália ter com os meus tios, mas na escala em França acabou por conhecer a minha mãe e por lá ficou. Ele tinha o curso de enfermeiro em Portugal, mas acabou por dedicar toda a sua vida à pintura”. Um encontro no aeroporto, digno de história de telenovela, foi o início da construção da família Fernandes. A Austrália ficou de parte, e foi a capital francesa que viu nascer mais uma família de origem portuguesa.



## A infância do antigamente

A infância de Dominic Fernandes teve bons e alegres momentos, entre as brincadeiras e a cumplicidade com o seu irmão, enquanto os pais trabalhavam. Família de poucas poses, mas onde nunca faltou amor no lar. “Apesar das dificuldades, não faltava nada. Até sinto que tive a melhor infância que podia ter. Havia mais convívio entre as pessoas, mais brincadeiras, hoje em dia é tudo através de computador”. Faz ainda parte das suas memórias os verões em Portugal, das brincadeiras no milho e da liberdade que não tinha em França. Apesar da pouca liberdade que tinha, Dominic orgulha-se da infância e da educação que recebeu. “Hoje os meus filhos passam o tempo agarrados às tecnologias, e isso não é positivo”,



*A infância, em França*

lamenta. Para si, o convívio entre as pessoas é importante para o desenvolvimento pessoal. Depois da escola primária e do colégio, Dominic ainda entrou na Universidade, na área da eletrotécnica, mas acabou por não concluir o curso. A vontade de ganhar dinheiro e a luta pela independência falaram mais alto.

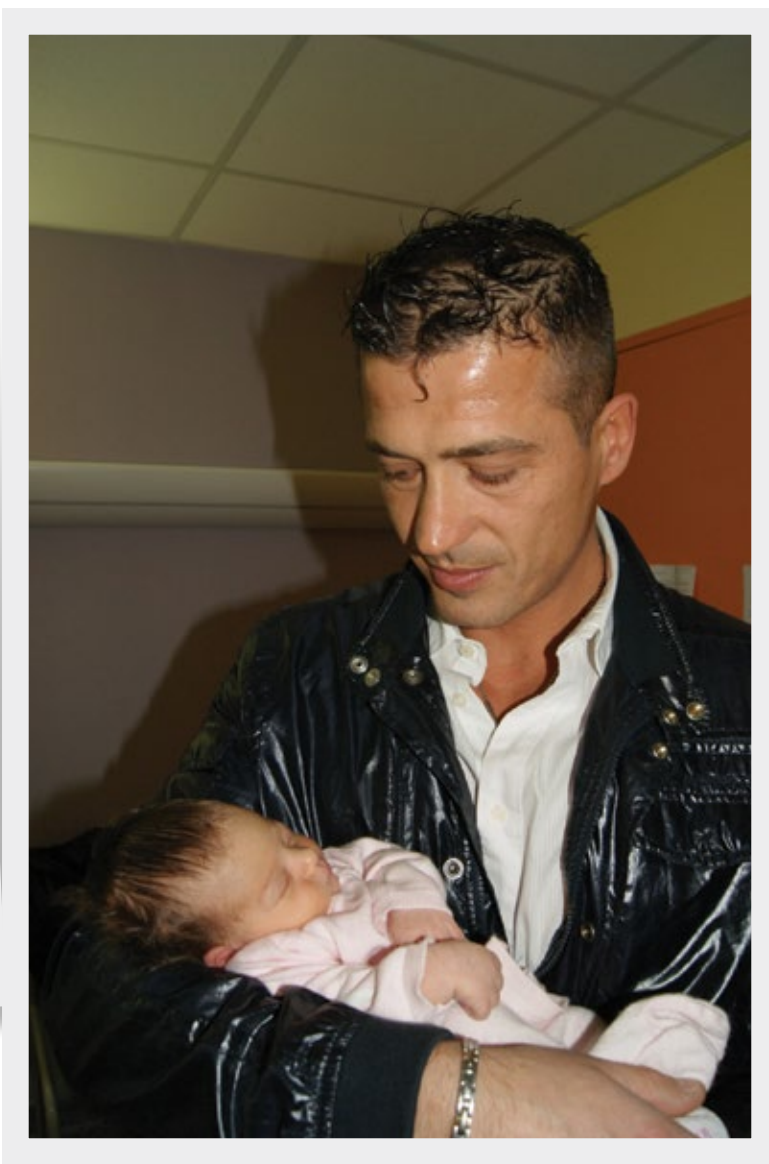
## **Uma vida dedicada aos telemóveis**

Começou a trabalhar com 18 anos, a embalar caixas de acessórios de telemóveis, na empresa Excelcom, um grupo grego com filial em França. Ao fim de três meses cansou-se do trabalho e foi convidado pelo presidente da empresa a ser comercial de telemóveis para a zona de Paris. A sua apetência para comercial era nítida. “Comecei em Março de 1994 e três meses depois já era o maior vendedor de acessórios e telemóveis em França. Pouco tempo depois, o meu presidente procurava um diretor para gerir a empresa no mercado francês e no meio de 200 pessoas fui eu nomeado. Senti-me muito orgulhoso, mas acima de tudo muito capaz. Fui uma pessoa que nunca tive nada e acreditaram em mim”, referiu Dominic. Assumiu funções em 1995 e passou a coordenar toda a

atividade da empresa em França. “Moldei a empresa à minha maneira e o grupo de França era o terceiro maior do mundo. Isto mostra que os estudos são importantes, mas a força de vontade da pessoa é o mais importante. Quis mostrar a toda a gente, que não era aquela pessoa que não tinha capacidade de vencer e mostrar à minha família que era capaz de concretizar aquilo a que me propunha”. Dominic manteve-se em funções até 2004, ano em que a empresa ganhava 150 mil francos de margem por dia. Números impressionantes, no entanto as circunstâncias da vida levaram-no a criar a sua própria empresa, sediada em Portugal. Com a mãe doente, esta passou a ser o seu foco de vida e quis poder prestar-lhe todo o apoio e assistência de que necessitava. A empresa ficou para segundo plano, e priorizou a família, o seu principal pilar. E foi por se dedicar à sua mãe, que a empresa o afastou da direção, esquecendo toda o empenho que a levou ao pódio. Dias depois da inesquecível derrota portuguesa contra a Grécia, na final do Euro 2004, Dominic perdia a sua mãe. Um abalo na sua vida, mas que o fez ganhar forças para abrir a sua própria empresa e construir uma vida de sucesso, em homenagem à mãe. Assim aconteceu.



*Com a companheira de vida, Anabela*



*O seu lado paternal*





## O sucesso da Bluetooth

Dedica-se unicamente à importação e exportação de telemóveis, mas a sua empresa – Bluetooth, é um caso de sucesso em todo o mundo. Na Europa, a Bluetooth tem apenas seis colaboradores, mas atinge números de faturação impressionantes. Para muitos, a atividade da Bluetooth é difícil de compreender, mas para Dominic não há segredos: “vendemos a

distribuidores e operadores no mundo inteiro. Exportamos para vários países no mundo inteiro – cerca de 170 países. O segredo do meu negócio sou eu e as relações de amizade desenvolvidas com as pessoas. Fui dos primeiros a fazer este tipo de negócio, a fazer o trade de telecomunicações. É tudo virtual, é só números a passar. Tudo começou porque havia muito stock que era não vendido e voltava tudo para trás, para a Coreia ou China. Antes de devolver, lembrei-



-me de vender a outros países que não têm stock. A empresa já conta com 16 anos de atividade e o crescimento foi exponencial. “No primeiro ano, em 2004, faturamos cerca de 5 milhões de euros, e temos vindo a crescer desde então. Sinto-me orgulhoso do que fiz até agora, de onde cheguei”. Num futuro próximo, a aposta da empresa passará por desenvolver parcerias, como por exemplo com a Altice, com quem temos em curso um negocio em conjunto”.



## O lado solidário

Em criança, sonhava ter uma casa bonita. Hoje, admite que tem os seus sonhos todos concretizados, e o que agora gosta de fazer é ajudar quem mais precisa. Dominic mostra que sem ter grandes estudos, com força e vontade as pessoas conseguem chegar onde quiserem. A solidariedade é um dos pontos fortes da sua vida. Durante a pandemia de Covid-19 ajudou a Câmara Municipal de Arouca, os Bombeiros de Arouca, o Hospital de Santa Maria da Feira, o Hospital de São João, no Porto, várias instituições e hospitais em França também. “Neste mundo se não nos ajudarmos uns aos outros não vamos longe”.

O futebol para si é uma paixão, e também neste campo ajuda de forma significativa dois clubes, um em França e outro em Portugal. “Patrocino o Lusitanos de Saint-Maur e o FC Arouca, clube da terra do meu pai. Espero voltar a ver o Arouca na Primeira Liga, como já estivemos. Senti um grande orgulho ver os maiores de Portugal nesta localidade que não era muito visível. Arouca passou a ser mais conhecida por causa do futebol e da Liga Europa”. Arouca reconhece-lhe o apoio, pelas palavras de Carlos Pinho, presidente do FC Arouca desde 2006. “Já conheço o Dominic há vários anos. Conhecia-o, mas não tinha muita confiança com ele, porque reside em França. A partir do momento em que começamos



*Patrocinador do FC Arouca*





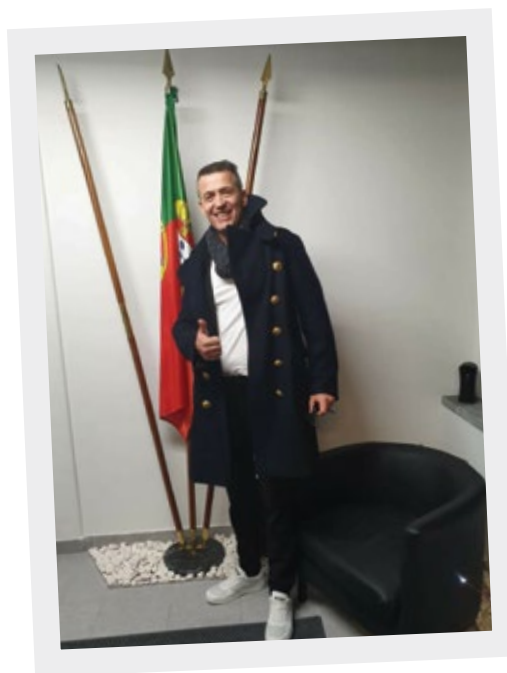






*Patrocinador do US Lusitanos de Saint-Maur*

a falar e a conviver, vi que o Dominic é uma pessoa incrível. Tenho dito isso mesmo e é a realidade. Ainda é um miúdo, mas tem muita classe e humildade, é um homem sem manias, e só assim, com coração grande porque gosta de ajudar as pessoas, não só o futebol, chegou ao topo. O Dominic não é uma pessoa qualquer, é uma pessoa que gosta de ajudar, independente do Arouca. Tenho muita consideração por ele e vou ter sempre. Ajuda o Arouca em muito, gosta também do Arouca, é um filho da terra, todas as semanas fala connosco e está sempre pronto a ajudar. Os arouquenses têm de ter orgulho na pessoa que ele é, na empresa que ele tem. É amigo do seu amigo”.







*Com a família*

## Um homem de família

“Um grande homem não é nada sem uma grande mulher ao seu lado”. A frase é de Dominic, e explica a importância de Anabela na sua vida. Conheceram-se em 1996, e não mais se largaram. Estão juntos há 24 anos. Ao longo destes anos sempre me ajudou imenso e foi um importante apoio na criação da Bluetooth”. Para completar a família, vieram os filhos: primeiro Lindsay em 2010, e depois Bradley em 2015.

“Esperei pelo momento certo para ter filhos, porque como nunca tive muitas coisas na infância, não queria fazer o mesmo aos meus filhos. Quis estar estável na vida”. Hoje, são o pilar da sua vida. A bondade e solidariedade são apenas dois exemplos do que Dominic passa na educação aos seus filhos. “Neste mundo, se não nos ajudarmos uns aos outros, não vamos longe. É isso que eu quero que eles percebam”.









## **A ligação a Portugal, com Arouca no coração**

Orgulha-se de ter aprendido português “na rua”, mas hoje faz questão que os filhos frequentem aulas de português e que aprendam a cultura portuguesa. Ser português, para si, mais que uma nacionalidade, é um motivo de orgulho. “Os portugueses eram criticados em França, vistos como uma comunidade mais fraca, mas mostramos ao mundo de que somos capazes de trabalhar sem ser nas obras e nas limpezas. Temos capacidade para isso”. Dominic deixa como mensagem aos portugueses que “podemos alcançar todos os sonhos que temos, podemos mostrar a todos que sendo um país pequeno somos uma grande comunidade feita de grandes pessoas. Somos portugueses!”.

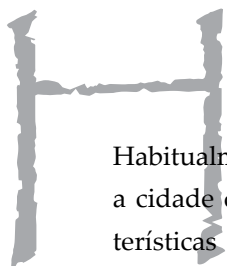


# Joaquim Machado

“Sou uma pessoa que gosta de trabalhar manualmente e sei fazer de tudo.  
Sinto que nasci para isto e não trocava esta profissão por mais nenhuma”

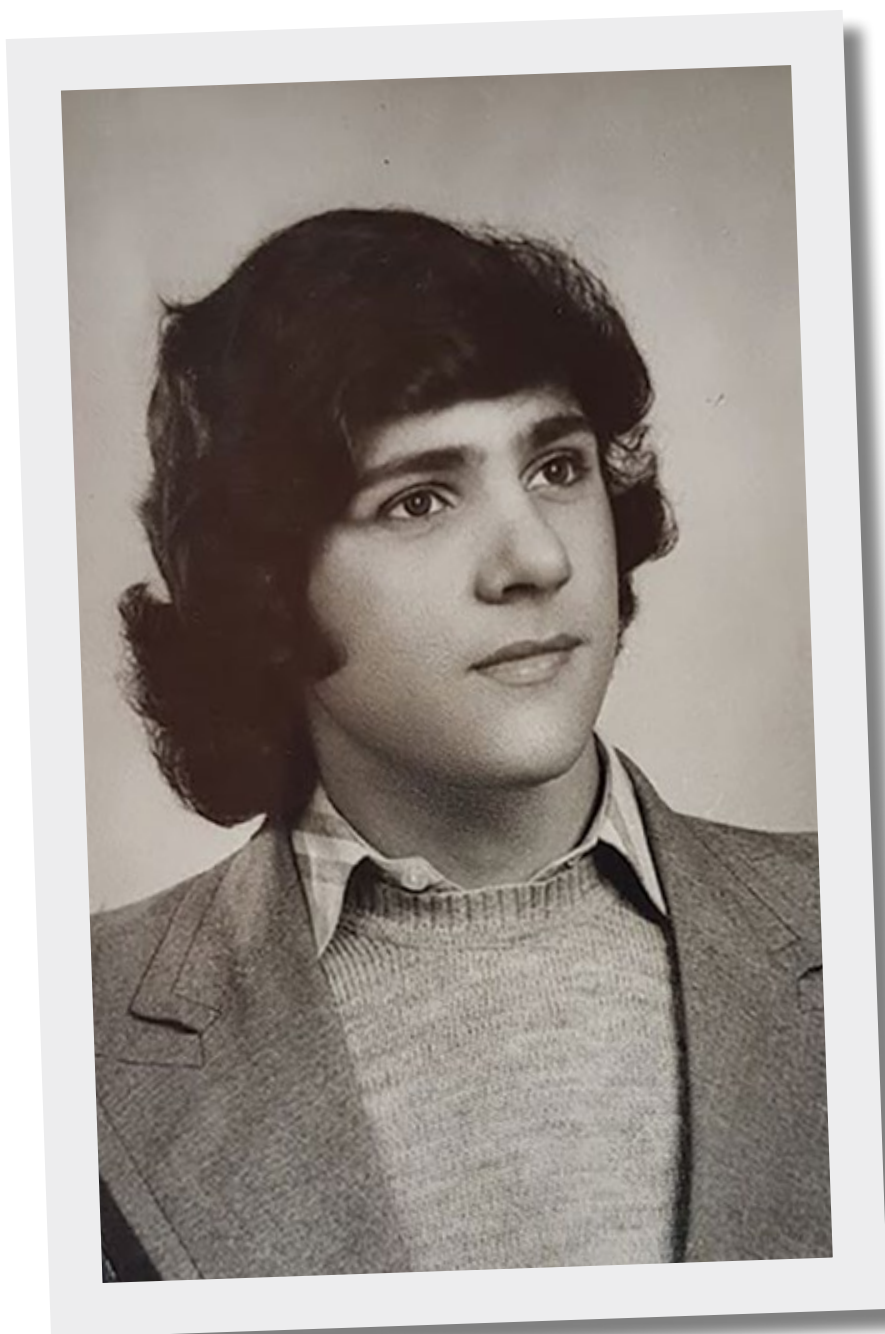






Habitualmente designada por berço da nação, a cidade de Guimarães tem no seu gene características ímpares que a distinguem de outras cidades portuguesas e a colocam num lugar de relevo na história de Portugal. Naturalmente associamos, tal como reza a tradição, ao local onde nasceu e foi batizado aquele que, em 1179, viria a ser coroado como o primeiro Rei de Portugal. Dom Afonso Henriques tinha o cognome de “o Conquistador” e, de certa forma, as gentes

de Guimarães se assemelham a esta característica. Tal como Dom Afonso Henriques, também Joaquim Machado tem sido um conquistador ao longo da sua vida. Não conquistou reinos, mas alcançou notoriedade, sucesso e uma vida plena de vitórias. Assumiu a qualidade dos móveis portugueses em França, marcando a sua posição num território altamente concorrencial. O sucesso veio por acréscimo à sabedoria e à experiência do saber-fazer. Ganhou clientes, amigos, e hoje todos conhecem o Machado dos Móveis Elmo.



*Joaquim Machado  
com 20 anos*

## O mais velho de seis irmãos

É com orgulho que Joaquim Machado assume ter nascido na freguesia de Santa Cristina de Longos, no concelho de Guimarães, corria o ano 1954. Foi criado nesta aldeia até aos seus 12 anos, altura em que a família se muda para uma freguesia vizinha: São Lourenço de Sande, onde hoje Joaquim tem casa. Recorda que foram tempos duros, tendo começado a trabalhar desde muito novo. Foi também neste período que aprendeu a trabalhar à mão, sendo hoje a sua profissão de vocação e paixão carpinteiro e marceneiro. O pai de Joaquim, Francisco Machado, trabalhava nas cutelarias nas Taipas, uma vila próxima da sua habitação, produzindo facas, colheres e garfos, e foi emigrante muitos anos na Alemanha. A mãe, Maria Marques, sempre se ocupou da casa e da criação dos filhos. São seis irmãos, e Joaquim é o mais velho de todos. Sabe que tinha, por esses tempos, um espírito rebelde e um carácter duro. Talvez tenha sido a sua determinação que o tenha ajudado a chegar onde chegou. Fez a escolaridade primária em Santa Cristina de Longos, mas não passou daí. A verdade é que pretendia continuar os estudos, mas os seus pais não o incentivaram a tal. “Eram outros tempos”, diz lamentando.





9 de junho de 1988



## A descoberta da vocação

Já depois de sair da escola, Joaquim Machado teve um pequeno problema de saúde, num pé, que o fez estar hospitalizado durante algum tempo. Assim que recuperou, começou a trabalhar. Tinha 13 anos, e uma vida cheia de sonhos. As opções de escolha não eram muitas, por isso começou como carpinteiro e marceneiro. Pode-se confundir estes dois ofícios, pois ambos trabalham a madeira. A marcenaria dedica-se, quase exclusivamente, ao trabalho e fabrico de móveis, assim como a criação, conservação e restauro de objetos decorativos

em madeira. Por outro lado, a carpintaria trabalha com a madeira maciça no seu estado natural, focando mais o trabalho na construção civil. Joaquim começou a desenvolver estes ofícios com o seu tio, fazendo portas, janelas, portões e armações de telhados. Tudo à feito mão, tal como sempre gostou. “Sou uma pessoa que gosta de trabalhar manualmente e sei fazer de tudo. Sinto que nasci para isto e não trocava esta profissão por mais nenhuma”. Seguiu-se o mesmo trabalho em oficinas, onde já trabalhava em máquinas.





*Inauguração da loja em 1988*

## **À procura de uma vida melhor**

Ambição por uma vida melhor era o que ocupava os pensamentos de Joaquim em plena juventude. O querer mais vem desde sempre. Recorda-se que assim que recebeu uma bicicleta da mãe, quis tirar a carta e comprar uma mota. Inconformado por natureza, Joaquim teve sempre a vontade de ir mais longe. Surgiu uma oportunidade de tirar um curso de carpintaria na cidade do Porto e, ao mesmo tempo, apareceu uma hipótese de emigrar para França. Na balança, a alternativa França

teve um peso maior naquilo que poderia significar um futuro mais seguro. Corria o ano 1973, Joaquim tinha 19 anos e chegava a França cheio de vontade de trabalhar e ganhar a vida. Foi acolhido por um compadre, mas uma semana depois já estava por sua conta e risco. Realizou um estágio com a duração de um mês, obrigatório na altura, para que os funcionários se preparassem para o trabalho prático. “Tínhamos de saber o básico, como o nome das ferramentas, e no final da formação era atribuído um preço-horário consoante o nosso conhecimento”, conta. Entre cinco francos e meio a sete francos



e meio, Joaquim foi o único que saiu da formação a ganhar o máximo possível.

Para trás ficou a família e as suas origens, estando agora no horizonte a força e a coragem de trilhar a cada dia um trecho do seu futuro. Não falava francês, mas aprendeu rapidamente. Também para isso contribuíram as aulas noturnas de desenho e acordeão, que o faziam aperfeiçoar a sua técnica em ambas as vertentes. Como minhoto que é, Joaquim era apaixonado pelo acordeão, e chegou a pertencer a um conjunto em São Lourenço de Sande. Lembra, com nostalgia, que a sua

primeira semana em França coincidiu com a sessão de fotografias para o primeiro disco que já estava gravado. Joaquim não ficou na capa, uma irmã sua substituiu-o na foto, mas guarda até hoje essa lembrança.

## Uma vida de marcenaria

Joaquim começou então por trabalhar numa oficina especializada em cofragens para o pré-fabricado. Já sabia trabalhar e tinha alguma experiência, mas sabe que foi neste período que mais aprendeu e aperfeiçoou a sua

1990



técnica. “Em cofragens trabalha-se ao décimo de milímetro, tudo tem de ser perfeito”, explica. A formação em desenho ajudou-o a evoluir e aprendeu também a soldar, como complemento ao trabalho em madeira. Pouco a pouco, foi crescendo na empresa ao ponto de ficar a coordenar projetos e a liderar uma equipa de sete pessoas. Foi durante este período que aconteceu um dos momentos mais marcantes da história de Portugal, e que lhe ficará para sempre na memória: o 25 de Abril de 1974. Joaquim estava em França, mas foi chamado à inspeção, ordem que decidiu cumprir. Foi a Portugal com o propósito de se apresentar ao exército, no Quar-

tel do Campo da Vinha de Braga. “Cheguei por volta das 8h da manhã e não vi ninguém. Tudo estava parado, as estradas estavam desertas, ambiente demasiado calmo. Decidi ir tomar um café, num estabelecimento ao lado do quartel, e estava cheio de gente, com os ouvidos atentos à rádio. Só aí me apercebi o que estava a acontecer: a revolução dos Cravos. Acabamos por ficar todos livres da inspeção”, recorda. À semelhança da primeira vez, também agora Joaquim regressou a França ‘a monte’. O seu trabalho na oficina durou até 1976, altura em que se despede por ter outros objetivos traçados para a sua vida.



1992



9<sup>e</sup> aniversário em 1997





## A ligação às origens e o casamento

Joaquim nunca se desligou das suas origens, e fazia questão de no verão visitar os seus familiares e reviver as tradições locais. Foi precisamente nas Festas Gualterianas, em Guimarães, que conheceu Maria de Fátima Salgado, que viria a tornar-se sua mulher. Já com o pensamento no casamento, Joaquim deixou de trabalhar na oficina para ter tempo necessário de preparar a festa e reunir as condições de poder receber a sua futura esposa em França. Arranjou um estúdio em Paris e integrou uma empresa de trabalhos temporários, o que lhe permitia ter mais tempo livre, mas também ganhar um bom salário. Casaram em 1976 e começaram uma vida em conjunto em terras gaulesas.

## Um trabalhador persistente

Já casado, Joaquim começou por trabalhar à peça, como lhe assim designava o trabalho à taxa. Fazia janelas, portas, rodapés, tudo o que o setor da carpintaria lhe exigia. O seu médico, querendo prevenir problemas futuros derivado de grandes esforços no pé, aconselhou-o a mudar de profissão. O que podia ser encarado como um obstáculo, para Joaquim era mais um desafio, que rapidamente arranjou forma de o vencer. Durante dois anos dedicou-se a aprender a escrever francês para poder realizar uma formação/estágio de 16 meses, onde

aprendeu desde eletricidade a mecânica. Eram cinco áreas de formação, todas interligadas entre si, num curso integralmente pago a 90% do salário que auferia. “Quando comecei, trabalhava à taxa, e por isso era o que ganhava mais. Tinha graça que ganhava mais que o próprio professor”. Terminada a formação, Joaquim foi considerado um dos três melhores na teoria e o melhor nas questões práticas. Rapidamente encontrou um anúncio de emprego que procurava um agente técnico com conhecimentos em marcenaria e carpintaria para montagem de máquinas. Um emprego à medida que Joaquim aproveitou. Começou em 1980, fazendo a montagem de máquinas nos clientes, que eram as maiores carpintarias industriais que existiam em França. “Fazia a montagem, formava o pessoal que ia trabalhar nas máquinas e ainda prestava um serviço de apoio em caso de avaria. Fazia este trabalho em toda a França, cheguei a fazer 250 mil quilómetros por ano”. Três anos e meio depois, uma empresa concorrente acabou por atrair Joaquim, fazendo-o aceitar a mudança. Aí tornou-se técnico comercial, onde apenas fazia a venda e formação. Entre deslocações a clientes, e feiras que regularmente fazia, era muito o tempo que passava fora de casa. Elisabeth é a filha mais velha de Joaquim, e Moisés o mais novo. Eram ainda crianças quando viram o pai despedir-se e tomar a decisão de criar o seu próprio negócio. Evitar grandes deslocações e passar longos períodos fora de casa era o seu objetivo.



*Com a mulher e os filhos*



## **A criação dos Móveis Franco-Portugueses**

Despediu-se com a ideia de criar a sua própria empresa. Sem grande ideia do que poderia fazer, Joaquim fez uma importante prospeção de mercado junto da comunidade portuguesa da região parisiense. Visitou os cafés, os pequenos comércios e apercebeu-se que apenas existia uma pequena loja de móveis no departamento 91. Com o sentido empreendedor, sentiu que existia mercado para apostar no setor do mobiliário. Foi assim que nasceram os Móveis Franco-Portugueses, em 1987. “A primeira loja que abri foi na Porte de la Chapelle, em Paris 18”. O início não foi fácil, e Joaquim teve mesmo

alguns problemas a ultrapassar até conseguir colocar de pé o seu sonho. Não conseguiu um empréstimo em França para a compra de mobiliário, e teve de recorrer à sua pátria para o conseguir. Baixar os braços nunca esteve na sua mente, e só assim conseguiu ter a loja cheia de móveis no dia da inauguração. Cheia de móveis e cheia de pessoas, a inauguração foi um marco histórico para Joaquim, mas essencialmente para os móveis portugueses em França. Desde então muitas transformações ocorreram no negócio, a começar exactamente pelo próprio nome. Inicialmente Móveis Franco-Portu-





*Filhos e netos de Joaquim Machado*







30<sup>o</sup> aniversário  
dos Móveis Elmo

gueses, só posteriormente o negócio passou a ser conhecido por Móveis Elmo, já em 1992. “Apercebi-me que esse nome limitava o desenvolvimento da empresa e o aparecimento de novos clientes”. Hoje, são duas as lojas abertas ao público, uma em Herblay e outra em Bondy. “A marca oferece, há mais de 30 anos, um espantoso espaço de vendas, com mais de seis mil metros quadrados de exposições e stocks, partilhados entre os locais de Bondy e Herblay. Um cliente que entre numa loja Móveis Elmo pode, no ramo do mobiliário, encontrar praticamente tudo. Fazemos tudo, aliás, o nosso forte em relação à maioria da concorrência é fazermos tudo. O que nos distingue é fazermos o móvel de A a Z, sobre medida, do aconselhamento à entrega e montagem”, explicou Joaquim Machado. A Móveis Elmo distinguiu-se, ao longo dos anos, pela inovação. Inovação essa que elevou a marca para outro patamar. “Fui o primeiro a propor aos clientes o verdadeiro móvel sobre medida”, diz orgulhoso.

## A excelência dos Móveis Elmo

Apesar das dificuldades, outra das bandeiras alcançadas por Joaquim Machado foi a mudança de mentalidade em relação à qualidade dos móveis portugueses. “Fui quem mais fez para o desenvolvimento do mobiliário português em França. Quando abri a primeira loja, nessa altura os móveis portugueses eram, infelizmente, de baixa qualidade, mal acabados, com madeiras de fraca qualidade. Nessa altura, tinham má reputação. A maioria dos franceses começaram a conhecer os bons móveis portugueses pela Elmo. Eu era bastante agressivo na comunicação, na publicidade, fazia mais de 1 milhão de prospectos por ano, e publicidade em rádios também”. A origem portuguesa é, agora, um motivo de orgulho. “Tenho móveis portugueses e não escondo isso”. A qualidade dos materiais e acabamentos são uma das particularidades da marca, que recebeu 14 medalhas de ouro no concurso NF Furnishing.



## Um homem sempre ativo

Ao tornar-se empresário, Joaquim passou a estar mais por casa, apesar do pouco tempo livre que dispunha, essencialmente ao fim-de-semana para conseguir manter as lojas abertas ao público. Os anos foram passando, e o tempo escasseava, mas Joaquim não se arrepende. “São fases obrigatórias”, conta. A preocupação com os filhos, essa, esteve sempre presente. Fez questão de lhes proporcionar boas condições de vida e um futuro risonho. Hoje, a filha é doutorada em comunicação e jornalismo e tem a sua própria empresa, em Lyon. O filho é médico, com especialidade em doenças infecciosas. Maria de Fátima sempre o acompanhou na empresa e foi o seu braço-direito para que o negócio pudesse evoluir naturalmente. Apesar do pouco tempo livre que tem, Joaquim faz por usufruir de pequenos momentos de lazer com a sua esposa, seja em jantares ou em férias. Mas vê-lo feliz e dinâmico é no seu atelier dedicado à bricolagem. Não tem desportos ou hobbies que lhe proporcionem tanto prazer como estar a criar e a trabalhar a madeira. Pessoa simples, não gosta de vaidades. “Não é por ter mais ou menos dinheiro que somos mais que os outros, gosto de ter sempre os pés bem assentes na terra. Acima de tudo, ser correto e de palavra, na vida pessoal e profissional”. Ideias novas não param de chegar, mas agora é altura de Joaquim Machado refletir sobre os próximos anos da Móveis Elmo. “Estão projectos em mente, estou a analisar com os meus filhos as coisas novas a fazer, mas não revelo já”. Aos clientes, fica um especial agradecimento. “Agradeço aos clientes da Móveis Elmo, porque ao longo dos anos fizeram-nos confiança e continuam a fazer. Temos mais de 50 mil clientes”, termina orgulhoso do seu percurso.





# José Afonso

“Devemos aprender a viver juntos como irmãos,  
caso contrário, todos morreremos juntos como tolos”



Tem nome de artista. José Afonso é um nome incontornável da música e da história de Portugal. Oriundo do fado de Coimbra, foi uma figura central do movimento de renovação da música portuguesa, sendo dele originárias as famosas canções de intervenção, de conteúdo de esquerda, contra o Regime. “Zeca Afonso” ficou indelevelmente associado ao derrube do Estado Novo, regime de ditadura Salazarista vigente em Portugal entre 1933 e 1974, uma vez que uma das suas composições, “Grândola, Vila Morena”, foi utilizada como senha pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), comandados pelos Capitães de Abril, que instaurou a democracia, em 25 de Abril de 1974. Ainda o regime Salazarista vigorava e nascia um outro José Afonso. Menos conhecido, até porque parte da sua história se desenrola em França. Mas o seu percurso fica ligado à história da emigração portuguesa. É um exemplo do espírito solidário que os portugueses têm. É numa frase de Martin Luther King que José Afonso se inspira para praticar a solidariedade que lhe é reconhecida: “devemos aprender a viver juntos como irmãos, caso contrário, todos morreremos juntos como tolos”.





## De Vimioso a Macedo

Fica no registo que José Luís Tomé Afonso nasceu na vila de Argozelo, no concelho de Vimioso, mas as suas memórias fixam-se em Macedo de Cavaleiros, para onde os pais se mudaram tinha ele nove meses de existência. Nasceu a 28 de maio de 1946, e é o sexto de oito irmãos. O pai dedicava-se à venda de solas, cabedais e tripa seca, atividade desenvolvida por 90% do concelho. “Era o que dava naquela altura. Vendiam a tripa para fazer os enchidos pelas feiras. Andavam ainda de mula ou cavalo por todo o lado, só depois é que apa-

receram os carros”, recorda. O pai chegava a passar o mês todo fora, de feira em feira a ganhar dinheiro para sustentar a família. Por casa, era a mãe que se ocupava dos filhos, ainda pequenos para criar. De Vimioso para Macedo, a mudança tornou-se óbvia para os pais de José Afonso. Tinham ali uma vila com melhores capacidade de desenvolvimento e onde os filhos podiam estudar, sem necessitarem de grandes viagens. José Afonso completou a quarta classe, mas por opção própria não quis continuar a estudar. “Na altura, fazia-se





a admissão para o colégio, mas eu não quis continuar. Os meus pais para me castigarem colocaram-me a trabalhar numa oficina de automóveis, com 11 anos”. Ao contrário dos irmãos mais velhos, José Afonso terminava assim a ligação à escola.

### **Ofício: bate-chapas. Paixão: futebol**

Primeiro como castigo, depois como profissão. José Afonso trabalhava na maior oficina do distrito de Bragança, em Macedo de Cavaleiros, e habituou-se ao tra-

balho. Não tinha muitos sonhos na vida, além de ir vivendo um dia de cada vez. Os anos iam passando e a vocação para bate-chapas estava já consolidada. Com 16 anos, surge uma paixão na sua vida: o futebol. Começou a jogar nos juniores no Clube Atlético de Macedo de Cavaleiros. “Os treinos eram às 8h da manhã e a oficina abria às 9h. O campo de treinos era ao lado do trabalho, dava bem para conciliar”. Rapidamente se tornou um importante no clube. Um ano depois observado pelo treinador Carlos Alberto, que tinha sido jogador do Futebol Clube do Porto, foi convidado a jogar pelo





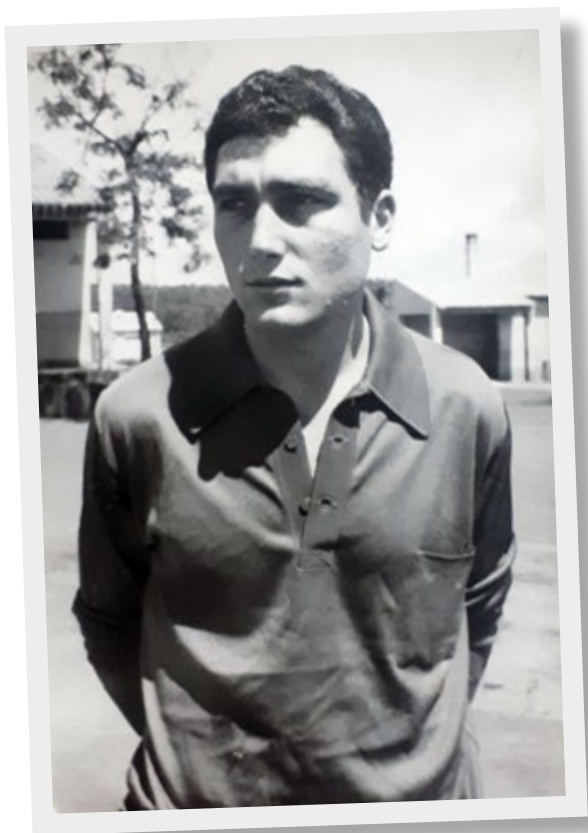
*A paixão pelo futebol*

Sport Comércio e Salgueiros. Foi treinar e arranjaram-lhe emprego na MAN, em Matosinhos, ao lado do estádio do Leixões. O tempo foi passando e a certeza de que iria integrar o plantel do Salgueiros começava a dissipar-se. Cansado da falta de respostas por parte do clube, seis meses depois regressou a Macedo de Cavaleiros. “Já namorava desde os 15 anos e, por isso, a primeira boleia que apanhei levou-me de volta a Macedo de Cavaleiros. Não regressei”. Já como jogador sénior do Macedo, recebeu uma proposta do Chaves, mas a mãe não autorizou. “Se tivesse sido hoje, eu teria ganho muito dinheiro com o futebol. Vê-se muitos jogadores, agora, que nem uma bola sabem travar”.



## O serviço militar

Até aos 21 anos permaneceu em Macedo de Cavaleiros, conciliando o futebol, a oficina e a namorada. Chegada a altura de abraçar o serviço militar, José Afonso é colocado na Guarda para executar três meses de recruta. “Também aí joguei futebol e até me queriam levar para o Covilhã”, lembra. Sendo bate-chapas, foi transferido para o Entroncamento para fazer a especialidade du-



rante dois meses, até ir para Mafra. Aqui, lembra de ter uma autorização especial para sair do quartel à sexta-feira, enquanto os restantes colegas só saíam ao sábado depois de almoço. “Como jogava futebol e os dirigentes conheciam os sargentos, deixavam-me sair. Ia de comboio até São Bento, onde tinha um táxi pago pelo clube à minha espera, que me levava até Macedo de Cava-



leiros. Muitas vezes acabava por trazer enchidos para compensar os sargentos”. Foi assim três meses, antes de nova mudança para Estremoz, onde aguardava embarcar no Vera Cruz, para Moçambique. Foi aqui que cumpriu o serviço militar na Guerra do Ultramar. Ainda hoje, lembra a chegada ao país. “O navio não chegou à margem, descarregou-nos em alto mar, e quando che-





*Bons momentos em família e com amigos*

gamos a terra estivemos três dias à espera para render outro batalhão, em que dormimos ao relento. Depois ainda demoramos quatro dias para chegar ao acampamento que fazia fronteira com a Tanzânia”. O impacto, após a chegada, foi grande. Tendas, dormir em cima de palha e falta de comida. Passou “as passas do Algarve”, como refere. Era bate-chapas e por isso integrou a CCS – Companhia de Comandos e Serviços, não tendo de sair do acampamento. Foram aqui 18 meses, mais seis meses no distrito de Zambézia onde já tinham um quartel com melhores condições. “O Ultramar foi uma boa experiência, serviu para abrir os olhos para a vida”.





## O regresso à realidade

Em Macedo continuava Maria Celeste, namorada de José Afonso desde os 15 anos. Talvez por isso, passou pouco tempo desde que desembarcou do Ultramar até ao casamento. Chegou em Junho, casou em Agosto. A festa foi em Quintela de Lampaças, terra natal de Maria Celeste. Começava uma nova vida, agora em casal. A mãe da sua esposa estava já em França, emigrada e, em carta, desafiou-os a ir até terras gaulesas passarem o Natal. Juntos, em família, era o desejo. Aconteceu em 1970. José Afonso, a esposa, uma prima e avó agarraram nas suas malas e partiram para França, a salto. O objetivo era só passar o Natal, mas esta decisão acabou por traçar o destino deste jovem casal.

## França tornou-se opção

Nada o fazia prever, mas França tornou-se o país onde José Afonso e Maria Celeste construíram a sua vida. No Natal em 1970, decidiram não mais voltar a Portugal e tentar ali começar uma nova vida. Tinham o apoio da sogra, que rapidamente ajudou José Afonso a encontrar emprego numa oficina. Maria Celeste já estava grávida, nascendo João Carlos em 1971. Nasce uma segunda filha, Maria José, em 1973. Começava assim uma vida tranquila, em família. José Afonso trabalhava na oficina, exercendo a profissão que melhor conhecia. “Essa oficina, entretanto, foi demolida para construírem um grande prédio, e mudou-se para Courbevoie. Eu acompanhei a mudança e estive com o mesmo patrão durante 43 anos, até ir para a reforma. Foram muitos os rapazes que ensinei, que hoje têm garagens por conta própria”. Já José Afonso nunca tencionou ter o seu negócio, sempre se sentiu feliz assim. “ia para casa tranquilo, tive uma vida sossegada”. Maria Celeste, por sua vez, foi porteira no mesmo local também durante mais de 40 anos. Estabilidade é a palavra que melhor define a vida profissional do casal. Pelo meio, houve ainda oportunidade de reviver a paixão pelo futebol. “Na oficina encontrei um rapaz que jogava futebol em Courbevoie, fui a um treino com ele e fiquei logo. No domingo à tarde tinha os jogos, na divisão do Norte de Paris. Estive lá três anos, mas com o avançar da idade passei a jogar nos veteranos de Puteaux.











*José Afonso com dirigentes políticos*



## **Integração na comunidade portuguesa**

Em Puteaux, onde habitavam, tinha como vizinha uma Igreja da qual o casal começou a fazer parte. Tudo começou quando o padre pediu a José Afonso a possibilidade de abrir e fechar a Igreja para Missa ao Domingo, onde existia uma grande comunidade portuguesa católica.

“Como tinha a chave da Igreja, comecei a entrar dentro da comunidade católica, comecei a ajudar, e a minha esposa tornou-se catequista. Ainda hoje, faço parte da comunidade católica, abro a Igreja para a missa portuguesa às 9h, vou à Sacristia, preparo o cálice, as hóstias, dou a comunhão, organizo a missa”. Nessa mesma Igreja, numas instalações paralelas, existia a associação



“O Encontro Português”, dita por muitos como sendo a primeira associação portuguesa criada em França. Surgiu a possibilidade de obras na Igreja e os padres exigiram que a associação arranjasse um novo local para as suas atividades. Entre processos e tribunais, o Encontro Português acabou por sair e esse facto marcou o fim da associação. “O Maire de Puteaux na altura, que é pai

da atual Maire de Puteaux, veio ter com a comunidade católica e desafiou-nos a criarmos uma nova associação. Na altura, o padre português que tínhamos não concordou, porque tinha medo de que nós, ao abraçarmos este projeto, deixássemos de colaborar com a Igreja, mas esse facto nunca aconteceu”. Foi assim que se iniciou a Association Franco Portugaise de Puteaux.

## Association Franco Portugaise de Puteaux

Foi fundada em Puteaux, a 10 de fevereiro de 1999, com o objetivo de promover a cultura portuguesa em França e fomentar o intercâmbio entre os dois países através de diversas ações desportivas e culturais. Depois de José Afonso (1999 a 2001), António Ferreira (2001 a 2003), Jaime Alves (2003 a 2006) e Manuel Batista (2006 a 2007), foi a vez de José Afonso ser o presidente da associação. A verdade é que se mantém na presidência até hoje, e muito tem sido o trabalho que tem desenvolvido. “Em 2007 assumi o compromisso de colocar o meu know-how ao serviço da associação e hoje olho com orgulho o caminho que percorremos juntos. Se a Associação Franco Portugaise de Puteaux conseguiu ascender a este ponto, não é por acaso, mas sim com a ajuda de todos os que trabalham ao meu lado, do conselho diretivo, do executivo e de todos os que frequentam as nossas atividades. E o caminho não foi nada fácil, mas conosco tudo se faz com bom humor, amizade e com um sorriso. Claro que não teríamos este sucesso sem a ajuda dos nossos associados, que estão presentes em todos os nossos eventos”.

José Afonso está à frente da associação desde 2007 e desde então foram muitas as melhorias que lhe implementou. A principal é, de facto, as condições das instalações, que foram restaurando com a ajuda de muitos amigos. “Hoje temos a escola de português, o rancho folclórico, aulas de zumba, futebol, uma equipa de dança de salão, e um grupo de teatro”.









## Um homem de causas

Hoje, já reformado, José Afonso passa os seus dias na Association Franco Portugaise de Puteaux. Não se cansa de fazer o melhor pela associação. Também é membro da Santa Casa da Misericórdia de Paris e é a fazer o bem que se sente feliz. “Gosto de ajudar os outros, isso faz-me bem”. Não esconde o seu carácter solidário e sabe que o herdou da sua mãe. “Ela era igual, dava o que precisava aos outros. De manhã, pelas 7h já lá estava em casa o varredor do lixo, a comer um pãozinho com café na nossa casa. Havia muitos pobres que chegavam a Macedo de Cavaleiros e a minha mãe dava tudo o que podia para ajudar. A família da minha mãe chegava a matar cinco porcos para dar aos pobres”. José Afonso sente-se bem a ajudar porque sabe que na comunidade portuguesa em França há cada vez mais necessidades. A sua solidariedade estende-se a Mace-

do de Cavaleiros, com quem tem uma boa relação com a Santa Casa local. E acrescenta que o lado benévolo já desde o tempo do Ultramar, partilhando a sua ração com os nativos locais, que não tinham o que comer. Em 2019, na nona gala dos Portugueses de Valor, organizada pela Lusopress, José Afonso foi um dos vencedores. Inevitavelmente que o seu lado solidário pesou na hora da escolha. “Quando subi ao palco disse umas pequenas palavras, mas que significaram muito. Alertei aos nossos empresários que há fome na comunidade portuguesa e que era importante ajudarem mais a Santa Casa”. A verdade é que as palavras de José Afonso se fizeram ouvir. Pouco tempo depois chegaram toneladas de alimentos. Homem de causas e de um coração enorme. A comunidade portuguesa em França deve-lhe muito. Pelo bem que faz.

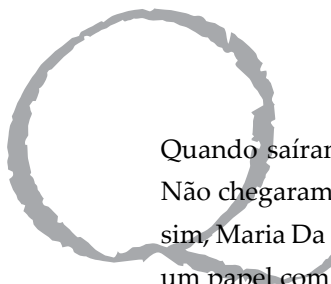


# María Da Conceição Silva

Eu acho que nós temos de nos ajudar uns aos outros.  
Somos todos iguais e nunca devemos esquecer isso.







Quando saíram da carruagem na Gare d’Austerlitz, não encontraram uma cara conhecida. Não chegaram no dia que era suposto e ninguém estava à espera. Com medo daquele frene-sim, Maria Da Conceição agarrou a saia da mãe e seguiu-lhe os passos. Rosa tirou da algibeira um papel com uma morada e entregou-o a um taxista português. Tudo parecia estar a correr de feição, mas encontrar a Rua Marcel Laurent em Vitry-sur-Seine foi como encontrar uma saída num labirinto. “Nós andámos muito, mas nunca mais encontrávamos aquela rua. Eu já chorava no táxi porque só tinha 11 anos e estava com medo. A minha mãe só dizia para eu não me afligir”, recorda. De repente encontraram uma senhora portuguesa e perguntaram-lhe se conhecia o senhor Coelho. A casa dele ficava mesmo do outro lado da estrada. “Parece que foi tudo por Deus”, afirma. “Encontrámos finalmente a casa do meu pai e do meu irmão”.

Este é apenas um prelúdio sobre o seu passado. Foi a primeira mulher que entrevistei para o livro e finalmente ouvi uma história contada no feminino. Seguiu o seu caminho, às vezes por trilhos mais difíceis, outras vezes por caminhos mais ceifados, mas nunca se perdeu no meio de uma seara gigante. Contou-me as memórias, os tempos, as experiências, as realidades, a sua construção enquanto empresária, mas também enquanto mãe. Eu vou escrever algumas páginas sobre ela, mas posso garantir que Maria Da Conceição é muito mais.





## A pureza da infância

Cresceu em Vila das Aves, uma pequena aldeia de Santo Tirso. Era filha de dois empregados fabris e garante que nunca passou dificuldades. Antigamente o pouco era suficiente e chegava para todos. “Os meus pais trabalhavam, os meus avós davam-nos um bocadinho de batatas, de produtos do campo, por isso, tudo ajudava. Não é como agora. Às vezes temos problemas, mas também somos nós que os fazemos. Queremos demais, mas antes não era assim”. Maria Da Conceição tinha dois irmãos, era a filha mais nova, “a menina queridinha” que concentrava todas as atenções. Quan-

do chegava a Páscoa, a mãe comprava “um vestidinho de seda novo” e ela vestia a farpela, sabendo que não se podia sujar. “A minha mãe tinha muito brio. A minha irmã lavava-me no tanque e queria que eu estivesse sempre limpinha”, afirma. Hoje ainda recorda com um tom doce aquele tempo da inocência, a pureza da infância. O tempo em que tudo era possível, em que não existiam entraves, nem problemas. Quando a imaginação reinava a toda a hora e a realidade era bem mais simples.

Um dia a vida começou a complicar-se para o irmão



mais velho. Quando fez 17 anos, emigrou para França porque a mãe não queria ele fosse para a tropa para Angola, tinha medo de perder o filho. Sempre que o jovem falava com os pais, as saudades tomavam conta das palavras. Alfredo sentia falta da família, mas sabia que não podia regressar a casa. O pai ainda foi até Paris visitá-lo com um bilhete de ida e volta na bagagem, mas “arranjou logo trabalho” e acabou por não voltar para Portugal. “Como ele sabia trabalhar muito bem nas obras, arranhou um bom trabalho. Depois eu fui também com a minha mãe e a minha irmã para Fran-

ça”, conta. Nunca mais se esquece do dia em que entrou naquela casa em Vitry-sur-Seine. Já estava mobiliada e até parecia “muito jeitosa”, mas “notava-se que faltava a mão de uma mulher para limpar”. “Tinham uns colchões muito altos. Quando a minha mãe entrava para a cama desaparecia, não a víamos e, como era o meu irmão ou o meu pai a cozinhar, atrás do fogão só se via arroz”, conta soltando uma gargalhada. Maria Da Conceição garante que nunca teve problemas de adaptação em França e conseguiu ser feliz em Paris como foi em Santo Tirso.



## “A menina tem namorado?”

A mãe arranhou logo trabalho e as filhas foram estudar para uma escola francesa. Na fábrica, Rosa era conhecida por “trabalhar mais depressa do que a máquina” e a filha herdou também essa determinação. Quando fez 16 anos, deixou os estudos e começou à procura de trabalho com a ajuda da mãe. “Sempre que ela indicava uma pessoa na fábrica, eles diziam “se for como tu, nós contratamos”. Um dia a minha mãe pediu para mim e eles chamaram-me”, recorda. Maria Da Conceição pegou num livro e, depois de ler correctamente um texto, começou a trabalhar na gráfica da empresa. “Eu fui colocar aquelas letras e frases nos sacos, mas como eles viram que eu trabalhava bem, passaram-me para a contabilidade e comecei logo a pagar aos fornecedores”. Quando o trabalho acabava, gostava de sair e ia com as amigas até aos bailes, mas tinha uma regra de ouro para cumprir: “Às oito horas em ponto tinha que estar em casa” e não havia margem para atrasos.

Uma vez foi à feira de Vitry-sur-Seine com a mãe. Pelo caminho passaram por um café português, onde estava o irmão à conversa com um amigo chamado Ângelo. Quando atravessou com uns sacos na mão, o jovem procurou saber quem era “aquela moça bonita” e pediu logo para conhecê-la. “Um dia o meu irmão perguntou-me se eu não queria ir dar um passeio até Paris com ele e com um amigo e lá apareceu ele de carro”, conta. Ângelo começou logo a cortejar a jovem, até na escolha do assento do carro. O irmão e a namorada foram sentados





no banco de trás e Maria Da Conceição foi sentada à frente, bem ao seu lado até aos Champs Elysées. Esta foi apenas a primeira de muitas viagens que fizeram juntos. No final do passeio, Ângelo ganhou coragem e perguntou:

- *A menina tem namorado?*

- *Eu não. Ainda sou muito nova para isso.*

- *Posso voltar a vê-la no domingo?*

- *Pode, se assim quiser...*

## **O casamento**

Começaram a sair no dia 3 de outubro de 1975. Ângelo já tinha 25 anos e uma má fama verdade seja dita. Na fábrica onde a mãe trabalhava, “toda a gente dizia que ele namorava com muitas raparigas, corria de mulher em mulher, mas depois ficavam todas sozinhas”. “A minha mãe até estava sempre a chamar-me a atenção e dizia que ele tinha mesmo má reputação, mas eu dizia para ela não se preocupar”, recorda. No dia de Natal, o jovem apareceu em casa da família carregado de presentes. Ofereceu um bom vinho e garrafas de whisky, procurando conquistar pelo menos a lealdade do sogro. “O meu pai gostava de bom vinho e antigamente, como a vida era complicada, ele não comprava aqueles bons vinhos de Bordéus. O meu marido apareceu lá com essas garrafas, mas com segundas intenções também”, diz sorrindo. Maria Da Conceição não recebeu um anel, se é isso que vocês estão a pensar. Ângelo ofereceu-lhe apenas um relógio, mas aquela prenda desenhada, escondia uma bela metáfora. É que os dois iam começar a passar mais tempo juntos.



“Eu quero pedir-lhe a mão da sua filha”, disse Ângelo de modo assertivo. O pai mudou de figura e primeiro procurou demovê-lo. “Ela é ainda muito nova. Ainda não sabe passar a ferro, nem cozinhar e só tem 17 anos”, replicou. Maria Da Conceição diz que nunca mais se esquece desta conversa. O jovem não cedeu à pressão do pai, insistiu no casamento e no dia 15 de agosto de 1976 estava à sua espera no altar. A festa foi num quintal em Portugal, “debaixo de umas ramadas” e reuniu mais de 100 pessoas. No final, “não houve dinheiro para lua-de-mel”. O pai deu apenas “três contos” para passarem

uma noite no Hotel Ofir. “No início, eu tinha medo que fosse uma ilusão, mas não foi. Trabalhámos e vivemos juntos já há 40 anos e nunca tivemos problemas”, sublinha.

### **Ao lado de um grande homem...**

Há sempre uma grande mulher como diz o ditado. Esta história diz-nos precisamente isso. Quando casaram, Ângelo trabalhava para uma empresa chamada Alfyma, mas “o patrão prometia muitas coisas e nunca cum-





pria”. Um dia decidiu criar uma sociedade, foi anunciar ao chefe que se ia lançar por conta própria e assistiu a uma reacção inesperada. “Ele exaltou-se, começou a dizer que ia dar ao meu marido algumas acções e depois teve um ataque cardíaco”, conta. Apesar do susto, o empresário resistiu, mas ficou sem o funcionário predilecto. Antes de se despedir, Ângelo prometeu “que nunca lhe roubaria um cliente” e o casal trabalhou seguindo sempre esse princípio. Maria Da Conceição tirou um curso de contabilista e gestão financeira, apoiou o marido na criação de uma empresa em Versalhes e especializaram-se essencialmente na criação de tapetes rolantes e materiais para aeroportos, fábricas e indústrias. Cinco anos depois, o antigo patrão de Ângelo bateu à porta e apresentou uma proposta para vender a empresa ao casal. “Naquela altura o nosso trabalho estava a correr muito bem, mas nós não tínhamos dinheiro para comprar uma empresa que valia quatro milhões de francos. Eu disse ao meu marido que podíamos vender a casa e comprar a Alfyma porque eu sabia que ele também tinha ajudado a fundar aquela empresa praticamente”. O casal vendeu a casa que tinha no valor de dois milhões de francos, alugou um apartamento, pediu um empréstimo ao banco e lançou-se numa nova aventura. “Eu acho que só uma mulher que confia muito no marido é que faz isto. Eu tinha uma casa muito boa, mas vendi-a para ter uma empresa”, refere.







## **“É um orgulho ver o nosso nome nesses aeroportos”**

Actualmente a Alfyma é uma referência no mercado, trabalha para “grandes empresas como a Coca-Cola ou Fnac” e tem o seu nome espalhado por vários aeroportos e indústrias. “Já fizemos um Aeroporto em Córsega, uma grande parte do Aeroporto de Roissy - Charles de Gaulle e também trabalhámos em Orly. Quando se poussa a mala naquele tapete para fazer a pesagem, depois em baixo há tapetes por todo o lado e nós fizemos essa montagem toda. Em Orly, quem viajar pela Ryanair ou Transavia, até consegue ver o nome Alfyma nos

tapetes rolantes. É um orgulho ver o nosso nome nesses aeroportos”. Maria Da Conceição está encarregue da gestão financeira das empresas. Todos os anos passam milhões de euros pelas suas mãos e é responsável pela contabilidade. Ângelo ocupa-se mais das encomendas e dos clientes.

Os dois filhos do casal também já estão ligados à empresa e começaram a trabalhar muito cedo na Alfyma. David, o filho mais novo, é responsável pelo sector aeroportuário e recentemente liderou a criação de uma







instalação nova no Aeroporto de Lisboa. “Eu até acho que esse aeroporto deu sorte ao meu filho David. Nós criámos uma máquina de controlo nova que permite ver todos os aparelhos e já não é preciso tirar o iphone ou ipad para passar porque controla tudo automaticamente. É uma coisa pioneira no mundo, fomos nós que inventámos e colocámos”, conta. Já Steve, o filho mais velho, está mais ligado à criação de indústrias e fábricas de tratamento de resíduos. Neste momento, a Alfyma tem mais de 200 funcionários, mas todos os anos reúne colaboradores e família para uma festa. “No ano passado alugámos um grande barco e fomos para o Rio Sena com mais de 200 pessoas porque convidámos os maridos e as mulheres. Quando chegaram, as senhoras tiveram um ramo de flores e um cheque de prémio. Os senhores receberam uma medalha e uma garrafa de Vinho do Porto de 50 anos. É preciso reconhecer o trabalho deles porque sozinhos não somos nada”, sublinha.





## Mãe e Mulher com “M” grande

Maria Da Conceição tornou-se numa empresária de sucesso em França, mas tem um amor incondicional por Portugal e faz questão de o passar de geração em geração. “Eu já estou em França há mais de 47 anos e sou portuguesa, os meus filhos são portugueses e as minhas netas também”. Há oito anos, a família comprou uma casa em Barcelos, que foi do jogador de futebol Hugo Viana, e todos os meses gosta de ir apreciar a paisagem minhota e ver o que a terra produz. Nesse concelho, na freguesia de Perelhal, a empresária foi também nomeada Madrinha da Associação (APS) e ajuda todos os anos a organização que apoia os idosos da aldeia. Quando consegue, também regressa a Vila das Aves e mostra que continua a ser a “menina simples” que viram nascer. “Ainda há dias foi a casa da minha mãe e falei para o vizinho dela. Ele disse-me logo que eu continuo a ser simples. Eu acho que nós temos de nos ajudar uns aos outros. Somos todos iguais e não devemos esquecer isso”. Aos 58 anos transmite uma energia única. É o pilar da família, uma das bases da empresa Alfyma e é uma Mãe e uma Mulher com “M” grande.





# 10 Nomes Histórias

2020 - 5ª Edição

Êxito Régie Publicitaire  
19, avenue James de Rothschild  
77164 FERRIÈRES-EN-BRIE

**Redação**

19, avenue James de Rothschild  
77164 FERRIÈRES-EN-BRIE

**Propriedade**

José Gomes de Sá - cont nº 128 275863

**Director**

Lídia Sales | lidiasales@gmail.com

**Textos**

Isabel Oliveira

**Fotografias**

Wilkerson Alves

**Maquetagem**

João Cazenave

**Impressão**

Grafisol

**Tiragem**

10 000

[lusopress@gmail.com](mailto:lusopress@gmail.com)

[www.lusopress.tv](http://www.lusopress.tv)



# 10 Nomes Histórias